Benjamim Costallat & Miccolis

têm á venda:

A CIDADE MULHER, de Alvaro Moreyra. Um fino livro de arte.

A SINISTRA AVENTURA (reminiscencias das prisões inglezas), por José do Patrocinio Filho. — Romance tragico e sensacional vivido pelo seu proprio autor, accusado durante a guerra pelos inglezes como espião do Kaiser.

BAN-BAN-BAN!, de Orestes Barbosa. — Interessantissimo flagrante dos costumes do "bas-fond" carioca. Livro de escandalo.

FEIRA LIVRE... de Mendes Fradique. — O maior successo dos livros humoristicos.

MODERNOS... de Benjamim Costallat. — Edição de luxo toda illustrada por Di Cavalcanti. (Decimo milheiro).

ANNITA E PLOMARK, AVENTUREIROS, por Théo Filho e Robert Bédarieux. — Sensacional romance cosmopolita de aventuras emocionantes.

TÊM NO PRÉLO:

A INTRIGA ENTRE O BRASIL E A ARGENTINA, de Carlos Maul.

BA-TA-CLAN! chronicas mundanas em versos, por Olegario Marianno. — Illustrações de J. Carlos. — Capa de Luiz.

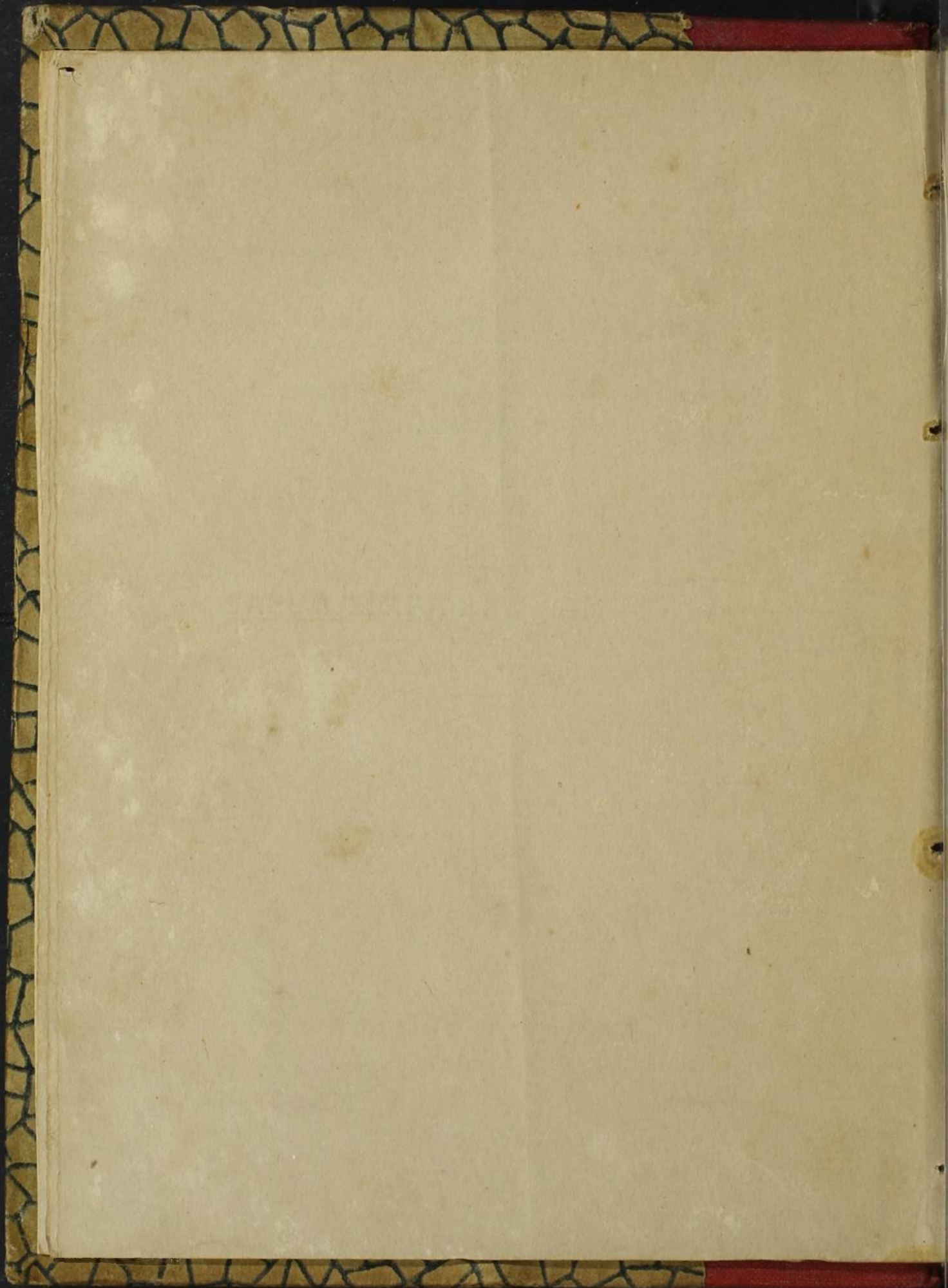
OS DEVASSOS (romance de escandalo), de Romeu d'Avellar.

ALBINO MENDES POR ALBINO MENDES (memorias do carcére).

MUNDO, DIABO E CARNE, por José do Patrocinio Filho.

MLLE. CINEMA (novella de costumes, do momento que passa...), por Benjamim Costallat.

Façam seus pedidos directamente a Benjamim Costallat & Miccolis, editores — Avenida Rio Branco 127 — Rio.

ALMA SERTANEJA

A LUIZ MURAT

Obras de Gustavo Barroso

PUBLICADAS

Terra de Sol — Rio 1912
A Balata — Rio 1913
Praias e Varzeas — Rio 1915
Heróes e Bandidos — Rio 1917
Idéas e Palavras — Rio 1917
Tradições Militares — Rio 1918
Tratado de Paz — Rio 1919
A Ronda dos Seculos — Rio 1920
Fausto (traducção) — Paris 1920
Lições de Moral (traducção) Paris 1920
Vocabulario das crianças — (traducção) — Paris 1920
Casa de Maribondos — São Paulo 1921
Mosquita Muerta — Buenos Aires 1921
Ao som da viola — Rio 1921
Coração da Europa — Rio 1922
Mula sem cabeça — São Paulo 1922
Uniformes do Exercito — Paris 1922
Pergaminhos — Paris 1922
Intelligencia das coisas — Rio 1923
Alma Sertaneja — Rio 1923

NO PRÉLO

O sertão e o mundo
Comedias e Proverbios (traducção).
Fabulas do Tamanduá
O annel das maravilhas
Capacete de Minerva
Livro dos Milagres
O Ramo de Oliveira
Antes do Bolschevismo

EM PREPARO

As mulheres e as lendas
Tamboeiras
Relicario Byzantino
Quasi...
Rei do Sertão
Vida e alma de Claudio França
No tempo em que os bichos falavam
Abêlhas de ferrão
Almas de lama e de aço
Lector, intende!
Paginas perdidas
Atravez dos folk-lorés
Lendas americanas
Aquem da Atlantida
Doze Mezes
Pedro Malazarte
Candelabro dos sete braços

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)
(Da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

ALMA SERTANEJA

(Contos tragicos e sentimentaes do sertão)

Editores
BENJAMIM COSTALLAT & MICCOLIS
AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO
1923

COBRA E' O DIABO!...

O acampamento ficava perto, além duma serrota pedrenta e nua de arvores, que apontava por traz dos carrascáes verdes e pujantes naquelle anno de inverno farto. Como o sol descia e rapidamente seria noite, eu e o Luiz Fusco, cafuz alto, azeitonado, nada feio, de physionomia expressiva, voltando de caçar marrécas na lagôa do Lemos, apressavamos o passo. No mato, havia já sombras espessas sob as cópas e, nos ramos altos, laivos de purpura do occaso. Começavam os espaçados pios agourentos dos caborés e naquella tranquillidade dessusadamente crepitavam as nossas rudes alpercatas, esmagando o saibro grôsso da verêda.

Espingardas ao hombro, seguras pelo cano, a coronha no ar, á maneira sertaneja, ás costas a roda de marrécas e preca-páras mortas, humidas de agua e sangue, caminhavamos silenciosos. Uma, ou outra vez, o Fusco fazia em voz alta reflexões de caçador experimentado, quasi sempre em meu desfavôr:

—Ih! Virgem Maria! "Seu" moço foi quem Deus deixou neste mundo "móde" gastar polvora á tôa... Atirou na lagôa que foi um desespêro! Vinte e cinco tiros contei eu e só matou oito patinhos...

— E você?

—Ih! Eu é outra coisa. Polvora custa dinheiro e gente pobre não póde gastar sem conta. Escute, "seu" moço, dei quinze "papoucos" e trago seis marrécas, quatro preca-páras, um putrião, um socó-boi e um carão, ao todo quatorze bichos!

— Alto lá! Que conta é essa? Quatorze não, treze sómente.

— Ora, "seu" moço, conto o carão por dois e vale bem, que é o bicho mais custoso de matar. Vosmincê nunca matou um carão na sua vida! Bicho espantado, "danisco", peor que barbatão mocambeiro. Só chegar perto delle é um "poema"!...

O "cabra" era "prosa" como quê e tinha desses termos petulantes, ou estapafurdios, a cáda momento. Eu ria e continuava a marcha, apressado. Subimos uma lombada de comoro, semeada de jatahys pequenos, rachiticos, no meio dos quaes sobresahiam as fôlhas branquicentas dos toréns. Uma coruja rasga-mortalha gargalhou pavorosamente na solidão. O Fusco gritou:

— "T'esconjuro", agouro!

Depois, o silencio pareceu maior. Descemos o outro lado do cêrro, que dava sobre estreito e alongado valle, despido de arvorêdo, verdadeira varjóta alcatifada de junco, orlada de sabiás pequeninas. Avistavamos a fogueira do acam-

pamento e vultos de homens passando á frente da sua luz intensa. Quasi noite, calma completa e a fumaça subindo no ar, linheira como uma diaphana columna branca. Mas um silvo vibrou sinistramente, adeante, no caminho. O sertanejo parou de subito, narinas dilatadas, olhos vivos percorrendo o chão. Apontou-me uma mancha mais escura que o barro do sólo e que parecia mexer, a uns oito metros de distancia. Mal a distingui.

— Cobra é o diabo! disse elle.

Levou a lazarina ao rosto e deixou-a cahir na sua melhor posição de pontaria. O tiro partio. A mancha escura distendeu-se e logo se immobilisou. Fomos vêr o que era e levantei com o cano duplo da Flaubert uma cascavel de mais ou menos sete palmos e quatorze anneis no chocalho, que estava de tocaia na verêda. O cafuz tomou-lhe a cauda nas mãos, contou esses anneis e exclamou, mostrando num grande riso os dentes brancos como marfim:

— Cada annel é um anno de idade. Quatorze annos esta diaba!

Levamos a serpente morta para o acampamento.

Mais tarde, a lua sahio de traz da serra. Seu rosto, olhando de cima dos ingremes contrafortes da cadeia do Gigante, espalhou o prateado perfume de sua luz á face de todas as coisas. Como que um mysterio novo cobrio a natureza inteira. Na ancia de sentil-o, deixei a barraca e fui sentar-me na relva, debaixo de vigoroso mulungú, de cuja embastida fôlhagem minha presença espantou pesado corujão da mata. Fiquei alli profundamente distrahido. Da lua sobre o tapete de juncos da varjóta e sobre as ramarias avelludadas desciam véos intensos, tecidos de luz esverdeada, dando a tudo uma tal suavidade de tons que encantavam os olhos infatigavelmente. Tudo parecia delicioso na noite magica e até o uivo esganiçado das raposas subia no ar luminoso como uma vibração ex-

tranha e ao mesmo tempo harmonica com a paysagem dormente.

Todos os caçadores dormiam, resonando alto. Longinquo berro de onça veio das quebradas da serra, cujo vulto immenso o luar diluia no horizonte, acordando-me da meditação. Relanceei o olhar em torno e dei com o Luiz Fusco acocorado, fumando, a dois passos de mim.

— Você não vae dormir, Luiz?

— "Inhor" não. "Seu" moço está acordado e eu vou ficando por aqui, "móde" vigiar. Isto é logar de muita cobra e cobra é bicho do diabo!

— Quem lhe metteu na cabeça que aqui tem tanta cobra assim?

—Ih! eu sei. Tem mesmo. Tem que é coisa por demais. Este mato está cheio de jararácas, coráes, cascaveis, caninanas e cobras de veado. Infelizmente, só não tem papa-óvas, que são as que comem as outras. Escute, "seu" moço, já morei aqui pertinho, na Ipueira do Gonçalo,

detraz daquelle cerrado de balsamos e trapiás. Ainda lá devem estar os restos da minha tapéra. Eu tinha no copiar uma cangalha velha, que era a minha ratoeira de apanhar cobra. Todas as manhãs, a gente levantava a cangalha e achava debaixo, enroscadas, uma, duas, ou três bichas. Prendia-se cada uma á ordem de São Bento e marrava-se o páu na cabeça até matar.

Sorri. O "cabra" mudou de posição, sentou-se numa das raizes do mulungú, bateu o caximbo apagado, tornou a enchêl-o e a accendêl-o. Tirou duas fumaçadas e continuou:

—Creio que tenho o destino de morrer de cobra, mas tambem tenho matado tantas! Ainda "isturdia" me aconteceu uma! Virgem Maria! Foi nos mocosáes da Serra Negra. Estava caçando mocós e escondi-me em riba daquella fenda estreita que divide a ponta da serra, como se lhe tivessem dado uma machadada. Espiei primeiro o logar. Fervilhava de mo-

cós! Nem cortiço de inxuy, quando se accende fogo "móde" espantar as abelhas. Escondi-me, como ia dizendo, e rocei dois pausinhos, afim de imitar os guinchinhos dos bichos e chamal-os fóra da tóca. Fiz pontaria no maior que vi e dei o tiro. Vosmincê sabe que tiro em mocó tem de ser mortal, senão elle foge, arrastando as tripas, e vae morrer dentro do buraco, onde não ha christão de juizo que enfie o braço. E' sempre esconderijo de cobras. Ellas são doidas por mocó.

O chumbo matou-o, mas elle rolou na beirada da gróta e cahio lá em baixo. Tornei a fazer a chamadinha. Vieram vêr o que era. Fiz fogo noutro. Tornou a rolar no córte. Então, cheguei á beira e olhei. Os dois bichinhos estavam prêsos á uma ponta de pedra, ao meio da descida. Resolvi ir buscal-os. Larguei a espingarda e comecei a descer entre as duas ingremes parêdes, sustentando-me com os pés e as mãos num lado e noutro,

todo arreganhado "que nem" Judas na fôrca. Assim, fui me chegando ao logar onde estava a minha caça e a perdi sem poder fazer a menor acção. Sempre digo que cobra é o diabo!... Mal me preparava para largar a pedra dum lado, estender a mão e apanhar os mocós mortos, á minha vista, uma caninana de mais de uma vara de comprimento sáe dum buraco e come com toda a calma os dois, um depois do outro. E eu, entanguido entre as duas paredes, sem nada poder fazer, dando até graças a Deus e ao senhor São Bento que ella me deixasse em paz. Credo! Nunca passei por "agonia" maior, "seu" moço! Tornei a subir como tinha descido, de mãos abanando e furioso por não ter podido dar cabo daquella maldita ladrona. Porém vinguei-me della. Matei terceiro mocó, atirei-o na tal ponta de pedra e fui de espingarda carregada para a beira do precipicio. A damnada veio pelo paredão, de lingua de fóra. Com

uma bôa carga de chumbo, esmigalhei-lhe a "caixa do pensamento"!

Larguei a rir, como rira do "poema". O Luiz olhou para mim muito sério e proseguio, agora sob o pêso de immensa tristeza:

— Mas meu destino é morrer de cobra. Meu coração adivinha. E' capaz até de ser hoje mesmo, pensei lá no caminho, quando a coruja rasga-mortalha largou aquella risada. A cascavel de tocaia deu-me mesmo um "batecum" no coração... Cobra é o diabo!

Vasta manada de nuvens negras, tangidas devagarinho pelo vento nos campos illuminados do céo, cobrio o rosto da lua e encheu de trevas o sertão. Era tarde. Levantei-me, dizendo:

— Bóte fóra os pensamentos ruins e vamos dormir, Luiz. Bôa noite.

O homem ergueu-se, deu alguns passos atraz de mim, os pés dentro das

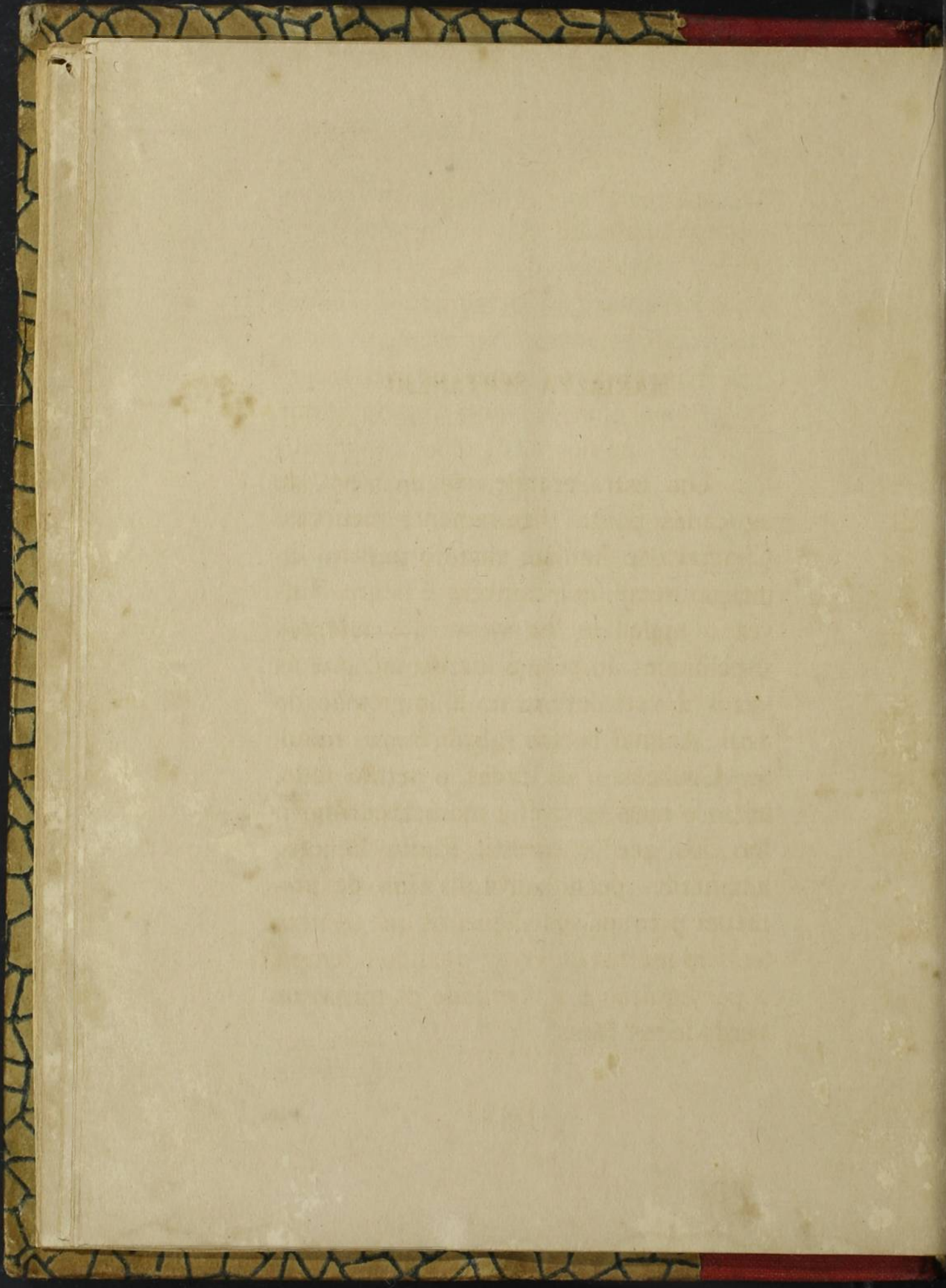
tiriricas rasteiras e, antes que me respondesse o bôa noite, soltou um grito:

— Ai! Diabo!

Levantava o pé esquerdo, segurando-o com as mãos. No escuro nada se via. Risquei um fosforo e divisei perto do artêlho uma diminuta picada vermelha. Elle pôz nos meus olhos espantados os seus estranhamente calmos e disse com resignação:

— Eu não lhe disse, "seu" moço, cobra é o diabo!...

Quem passa hoje pela varjóta do Acampamento, como é chamada, vê, á sombra de frondoso mulungú, toucado, ás vezes, de fructos rubros, uma cruz de madeira tôsca, rodeada de pedras. E' o tumulo humilde do maior matador de cobras do sertão — Luiz de Assumpção Carneiro, appellidado Luiz Fusco.

Orem por elle.

MARIALVA SERTANEJO

Um touro grande, côr da treva, de aguçadas pontas ligeiramente recurvas. Chamava-se Azulão, como o passaro do mesmo nome, que tambem é negro. Talvez o appellido lhe viesse dos reflexos espelhantes do pêlo á luz do sol, que ás vezes davam levemente a impressão do azul. Animal bonito e, sobretudo, famoso. Conhecia-o de nome o sertão todo, como o mais terrivel e mocambeiro novilho dos que o coronel Paulo deixava amontados pelas serrotas, afim de prometter premios aos vaqueiros que os trouxessem mortos ou vivos, quando o tempo, a perseguição e a liberdade os tornavam verdadeiras féras.

Todos os annos, após a ferra do gado, o grande fazendeiro escolhia um novilhote entre os mais possantes e dava ordem para abandonal-o nas catingas aos seus instinctos. O animal ficava selvagem e elle tentava a vaqueirama das ribeiras proximas a dar-lhe caça. O vaqueiro que lhe trazia a "bassoura" do barbatão morto a tiros, ou o proprio pegado a laço, derrubado a "mussica" recebia cinco patacões de velha prata portuguesa e divertia-se em grande festa, na fazenda, durante a qual os melhores cantadores o louvavam ao pé da viola. Havia quarenta annos que o coronel se dedicava a esse folguêdo, começado logo que herdára as terras do pae, aos trinta de idade. Mas nunca espicaçára os sertanejos dos arredores atraz de bicho mais terrivel que o Azulão.

Aquelle touro bravo era o peor de que havia noticia nas tradições do sertão. Rapido como o pensamento e valente como as armas, já matára dois cavallos de

campo e estripára um vaqueiro. O coronel Paulo promettêra vinte patacões a quem o trouxesse vivo ao seu curral, cuja cêrca de páu a pique, no alto dum têso, se mirava nas aguas vagarosas do rio.

Dois vaqueiros irmãos, os melhores campeadores da região, Mathias e Theophilo Sussuarana, puzeram-se-lhe no pizo, deram-lhe quédas e mais quédas nas varzeas para onde o tangêram e, depois de o fatigarem, o laçaram, trazendo-o para o curral, de madrugada, difficilmente, enleiado em peias, de "mascára" e chocalho, para maior vergonha de sua derrota.

Mal o dia amanheceu, preveniram o coronel que o Azulão estava alli. Sahio de casa radiante, os labios vermelhos sorrindo entre as revoltas barbas brancas, e foi olhar a féra captiva, encerrada no menor dos curraes de apartação, laivado o dorso negro de arranhões, olhos afuzilando por traz do couro crú da "mascára", escarvando o chão, enervado pelo

continuo tinir do chocalho aviltante. E deu ordem para se convidar muita gente á festa que celebraria, desde a tarde até alta noite, o triumpho dos dois rapazes.

Horas depois, á sombra das arvores do terreiro, não havia mais logar para amarrar cavallos. Celeremente se espalhára a nova da captura do animal e toda a vizinhança vinha vêr o "fama" da ribeira.

O vento da tarde começára a rumorejar devagarinho na fôlhagem dos comarús e dos frei-jorges robustos, que circulavam o pateo, e a ardencia do sol diminuira, quando o captivo começou a dar signaes de terrivel furia. Passára o dia sempre escavando o sólo, porém embezerrado, acuado a um canto, olhos em braza. Agora, não. Arremettia contra os "varáus" da porteira, agitava o "cupim", marrava a cêrca, mugia lentamente, babava-se, estremecia todo, a complicada musculatura sacudida em crispações fugazes e violentas como descargas electri-

cas. E os olhares humilhantes de dezenas de vaqueiros, trepados nos moirões, excitavam magneticamente o animal prisioneiro.

O fazendeiro contemplava os progressos rapidos daquella raiva e, de repente, obedecendo ao seu temperamento estouvado e ardente, gritou:

— Duzentos mil réis aos que pegarem o bicho a unha, dentro do curral!

A somma era por demais tentadora. Aquelles homens nunca tinham visto tanto dinheiro. Todos os olhos faúlharam de cobiça. O vaqueiro da casa fez *correr* alguns páus da porteira, convidando sorridente:

— Vamos! Quem é homem para entrar?

O Azulão pareceu adivinhar o que contra elle se preparava. Recuou, babando mais, até o fundo do curral e ficou novamente immovel, pontas em riste, sacudido pelos estremeções nervosos. Sentia-se de longe o fogo do seu olhar.

Os vaqueiros silenciosos, emocionados, olharam-no e não tiveram coragem de entrar. Então, o velho apregoou, sorrindo:

— Dou os mesmos duzentos mil réis a quem o atacar peito a peito e o matar a faca!

Outra vez, o vaqueiro da casa fez o convite ironico:

— Vamos! Quem é homem para entrar?

Os vaqueiros levaram as mãos, machinalmente, aos cabos das afiadas parnahybas e logo as deixaram cahir, sem animo de dar um passo. Os mesmos que o tinham perseguido e pegado no mato não ousaram mais que os outros. No campo, na primeira luta, o touro não tinha ainda a fermentada colera de agora. Vendo aquella indecisão geral, o coronel encolheu os hombros e falou, com desprezo:

— Vocês são todos uns maricas! Sucia de medrosos!

Foi como uma chicotada que os vergastasse a todos, nas faces! Aquelles homens rudes, de rostos abaçanados sob os grossos chapéos de couro, não se atiraram ao insultador detidos pelo respeito feudal ao ancião, senhor da terra e do gado. Porém um, mais joven e audaz, replicou:

— Si vosmicê não entra tambem, coronel, é tão medroso como nós.

O velho caminhava já para casa, em cuja alpendrada a mulher e a filha o esperavam para jantar. Deteve-se e fulminou o rapaz com um olhar formidavel, arrancou do cinto do homem que lhe ficava mais proximo a comprida faca de arrasto e disse, serenamente, ao seu vaqueiro:

— Jerome, abra a porteira!

Fez-se grande silencio. Ao fundo do curral, o touro negro arfava. E deante dos vaqueiros, respeitosamente descobertos, aquelle homem de setenta annos de

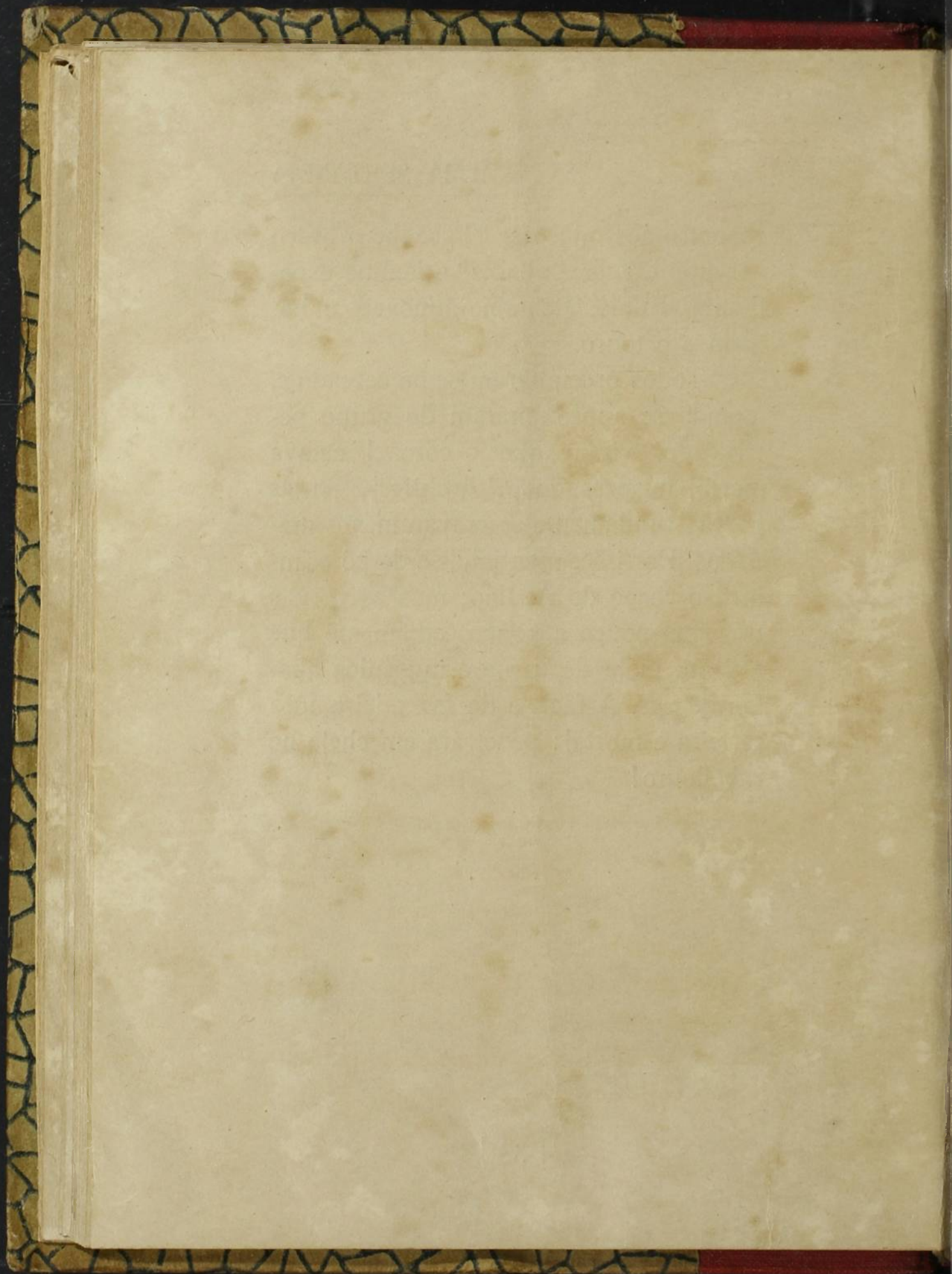
idade, de longas barbas brancas, penetrou sem mêdo no recinto temivel!

A mulher e a filha deitaram a correr, gritando, da casa para os curráes; mas, quando alli chegaram, já elle estava no meio do cercado, de faca núa na mão, olhando corajosamente o touro. Ninguem se atrevia a dar uma palavra. Pareciam suspensas as respirações e os arrulos distantes das juritys écoavam como gemidos funebres.

O Azulão distendeu a poderosa musculatura num salto felino sobre o fazendeiro, que evitou o bóte, pulando de lado e golpeando-lhe com a faca o pescôço de aço. Num repellão, o monstro voltou á carga. Já o velho se encostava á cêrca, defendendo as costas. Veio sobre elle numa investida delirante, não lhe dando tempo a esquivar-se. Houve um arrepio; depois, um grito de horror da assistencia inteira.

O animal cravára as pontas finas no ventre do ancião, comprimindo-o de

encontro aos moirões. Vio-se-lhe o braço nervudo erguer e abaixar a lamina espelhante. Então, ficaram immoveis o homem e o touro.

Todos precipitaram-se no cercado e, quando se approximaram do grupo petrificado, viram que o coronel estava morto, trespassado pelos chifres, cujas pontas fundamente se cravaram nos madeiros. Por isso, mantinha-se de pé o immenso corpo do Azulão; mas as pernas trazeiras pouco a pouco cediam até que a vasta mole de carne e musculos abateu de vez. A facada do fazendeiro fôra certeira e mortal: penetrára em cheio no cabellouro!

O COME - GENTE

Alli á entrada da mata do Custodio, entre apertados barrancos, havia uns restos de casa de taipa, cheios de lagartixas que se aquentavam ao sol. Olhando-os, o João Bicudo contou-me pavorosa historia da sêcca dos dois zeros. Mil e novecentos fôra, com effeito, um dos annos mais calamitosos que têm desabado sobre o sertão cearense e o que me narrou o velho comboieiro era de arrepiar couro e cabello. Credo!

O sol dava em cheio na mataria orvalhada e as rôlas cabôclinhas tatalavam nas moitas crêspas. Havia cabeças vermelhas de gallos de campina, como pequenas flôres rubras inquietas num ga-

lho baixo de jeremataia. E numa fazenda proxima cantava um gallo. Imaginem si tal historia fôsse dita em tempo de sêcca. no silencio, na solidão, sob a canicula atroz, entre os esqueletos das arvores e a poeira fina das folhas mortas, servindo de leito ás ossadas das vaccas! Com aquella vida e abundancia a coisa foi tetrica!

O Bicudo passára a perna, como mulher, no cabeçóte da sella de campo, curvára o corpo magro para deante, enchêra o caximbo de mapinguim e, cuspindo a cada momento, por entre os dentes, para um lado, emquanto o seu pedrez espantava com a cauda comprida as mutúcas e meruanhas que lhe ferretoavam as ancas, desfiou lentamente o horror. Ouvia-o de pé, encostado ao cavallo castanho, divertindo-me a matar-lhe, na taboa do pescoço, com o largo peia-boi, as môscas bravas que o mordiam.

— Escute, "seu" cadête, nesse tempo eu nem era mais comboieiro. Minhas

quatro burras e mais três eguas que alugava ao compadre Deodoro da Saracura, tudo tinha morrido. Não havia gado nem animal que escapasse! "Isorde" desgraçado! Podia-se botar rama de joá para elles, mas era trabalho perdido, perdidinho da Silva! Os pobres bichos não tinham agua "móde" beber! Virgem Nossa Senhora! Virgem Nossa Senhora!

Aqui esta tapéra foi uma venda do filho do Papavento. "Seu" cadête conheceu o filho do Papavento? Era um "sarará", o Christovam, que morreu todo inchado, nos Almazonas.

— Não. Não me lembro.

— Era bom camarada e homem até alli. Parecia "empambado", por causa da côr delle mesmo, porém era valente que nem onça e sem gabolice. Não tinha farófa e nas occasiões precisas brigava como bicho.

Como ia dizendo, elle tinha uma venda aqui, de caxaça, farinha e rapadura. Eu não possuia mais nenhum animal

de carga, não senhor. Resolvi ir de muda para o Iguatú, onde havia mais recursos. Bati a porteira do curral, espiei com os olhos cheios de agua para a minha choupana, onde a mulher morrêra de bexigas no principio da sêcca, acertei nos pés as "alpragatas", puz a tiracollo o "patuá" com restos de farinha, sacudi a lazarina no hombro e desandei de rota batida para estas bandas.

"Seu" cadêtinho da minha alma, cheguei aqui na vendinha do Christovam com dois dias de caminho e fome velha, sem ter encontrado um bicho do mato, de penna ou de pêlo, "móde" matar e comer. O Christovam estava preparando os urús para ir embora tambem, mas fez negocio com a minha lazarina. Troquei a coitada por meia terça de farinha e três rapaduras. Foi negoção!

Quando tomei o caminho ahi dessa mata, que era uma garrancheira preta, medonha, o filho do Papavento botou a mão no meu hombro, bem aqui assim —

"seu" cadête, eu estou repetindo palavra por palavra o que o desgraçado me disse — e me perguntou:

— Você tem amor á vida?

— Tenho sim, respondi.

— Pois se tem, Bicudo velho, rodeie pela estrada do Fundão e ganhe o caminho da Forquilha. Por aqui é mais perto, porém muito mais perigoso...

— Perigoso por que, homem de Deus? Tem muita cascavel, ou onça esfomeada?

— Tem peor! disse elle, os olhos nos meus olhos, falando sério. Tem o Luiz Zambêta, que ficou maluco de fome, depois que os filhos morrêram de doença e de não comer. Dizem que se metteu núsinho em pêlo ahi na garrancheira da mata, com uma faca na mão, e deu para comer gente. Virou de novo cabôclo-brabo! O delegado do Iguatú passou por aqui á procura delle e disse que elle é mesmo um "estropófogo"! Maria Santissima! Já três retirantes do

Pindoba, que fôram atravessar a mata, não chegaram do outro lado... E o Gonçalo da Florinda tambem desappareceu!...

— Eu não sou morredor, não, "seu" cadête, mas fiquei frio! O sol descanbava por detraz da serra Verde e a noite ia me pegar no meio da mata! Mas, si eu "arrepunasse", o diabo do Christovam era capaz de ir badalar pelo Iguatú que o Bicudo tinha mêdo do tal de "estropófogo". O Bicudo velho nunca teve mêdo... Para dizer nunca, estou mentindo, porque nesse dia tive mêdo mesmo de verdade. Credo! Queria vêr quem é que não tinha.

Não dei mais resposta aos conselhos do Christovam e fui tocando mata adentro. Já estava no entrançado das garrancheiras e, quando cheguei bem no meio, principiei a ouvir uns assobios me chamando. Eu a apressar o passo e o assobio me chamando:

— Fio! Fio! Fio!

E.Abs.

"Voutes"! Só assombração! Espiei para todos os lados. Nada. Ia escurecendo, escurecendo, e eu depressa, depressa! E o assobio chamando, chamando:

— Fio! Fio! Fio!

De repente, mexêram nos galhos sêccos, quebraram gravêtos como rez caminhando. Olhei para a direita. Nadinha. Para a esquerda. Valha-me Nossa Senhora! O Zambêta nú como macaco, magro como esqueleto, os dentes brancos alumiando, a faca na mão e me chamando com a mão e com o assobio:

— Fio! Fio! Fio!

Ai! "seu" cadête, o Bicudo velho damnou-se para correr. Correu como uma ema e atraz delle ouvia o bater dos pés do Come-Gente na terra sêcca. E sempre o assobio horrivel, chamando:

— Fio! Fio! Fio!

Passando a perna no sellim, falei, para me não mostrar assombrado:

— Isso tudo foi sonho, pesadêlo de fome, João Bicudo.

O arrieiro franzio as sobrancêlhas e replicou:

— Vosmincê diz que foi sonho, porque não vio as desgraças no anno dos dois zeros e não ficou, como eu, até hoje, com a afrontação da carreira com que escapei, que não me deixa ao menos dansar e mais parece "puxado". "Puxado", sim senhor, que o doutor Zé Lopes tem a mania de chamar "aisma"...

O DRAMA DO GURIU'

Num verão que passei em pequena casa de taipa e têlha, na alva e desabrigada costa cearense, gostava de passeiar pelos morros que orlavam a praia recurva do Guriú. Mal nascia o sol, já subira o dorso ondulado das dunas e lá de cima olhava as ondas verdes desfazendo-se numa renda de espumas. O céo, sempre alto e inteiramente limpo, alaranjava-se á luz matutina e na planicie deserta do mar não se avistava um pennacho de fumo, nem uma vela de jangada. Nunca tive maior sensação de solidão do que alli. Parecia que naquelle recanto pouco conhecido do littoral da minha terra jamais houvera habitantes. Os grauçás e os maçaricos

enxameavam na areia humida, descoberta pela maré vasante, sem o menor receio da minha approximação, quando descia das dunas, como aminaes de paragens onde nunca o homem houvesse pisado e completamente se ignorasse sua crueldade innata. Entretanto, uma vez, encontrei por traz de altas moitas de pinhão bravo, sussurrantes de maribondos de chapéo, restos de forquilhas de antiga palhoça, rodeados de montões de conchas e espinhas de peixe. De outra, da lombada do morro mais alto avistei uma corôa de terra, perto da costa, onde me pareceu haver pequeninas estacas negras. E ansiei por quem me explicasse os dòis achados.

Passaram-se muitos dias. Ao alvorecer do de Todos os Santos, fui ao Guriú pescar bagres nas pedras de pequeno arrecife costeiro, em companhia do velho João Caiçára, o mais antigo pescador da redondeza, morador dalli a três leguas de areia solta. Indaguei delle si as for-

quilhas eram, effectivamente, duma tapéra de jangadeiro desapparecido e as estacas da corôa restos dum curral de peixe. Respondeu-me a piscar os olhinhos vivos, e as suas palpebras eram debruadas de vermelho, como se o vento rijo do oceano as tivesse limpado de pestanas:

— As forquilhas são da casa que foi dos Nicacios e as estacas são das cruzes do logar onde morreram.

Com o braço nú, escuro e nodoso como raiz de mangue, apontou o banco, que o mar descobria:

— Vosmincê conte. São seis, nem uma de mais, nem uma de menos. O mar carregou as travessas das cruzes e só ficaram os esteios de pé. Conheço aquelles páus, um por um, como as minhas mãos. Eu e o compadre Néco do Socó-Boi os enterramos lá, “móde” aquelles chritãos têrem ao menos um arremêdo de sepultura. Credo! Deus lhes fale nas almas!

Pedi ao velho pormenores do drama que adivinhava e elle m'os deu, sentado numa pedra, o caximbo apagado e esquecido entre os dêdos, emquanto o sol sulcava de luz e sombra as rugas do seu rosto, côr de algodãosinho tinto com muricy e engilhado como vela de jangada que a calmaria deixa tristemente cahir sobre o páu da retranca.

Soube, assim, a historia dos Nicacios. Eram uma familia de oito individuos: pae, mãe, quatro filhos, uma filha, meninota, e um tio velho. Tinham vindo a pé do ardente sertão de Mombaça, famintos, escorraçados pela sêcca impiedosa. Aboletaram-se naquelle cantinho do Guriú, construiram a palhoça com forquilhas de sabiá, varas de cauassú e palhas de carnahuba, e decidiram vivêr de pescar. Mas nada entendiam da vida audaz e livre do jangadeiro. Não distinguiam sequer os páus da jangada: sabiam lá o que eram bordos e meios. Até podiam pensar que a quimanga de

levar comida fôsse barril de caxaça, o tauassú de ancorar, amarrado na poita, pedra sem valia numa corda velha, a tapinambaba dos anzóes simples forquilha e a cuia de atirar agua na vela uma grande colher de madeira... Com o tempo, ajudados da necessidade, em primeiro logar, e dos pescadores da vizinhança, em segundo, arranjaram raizes de timbaúba, construindo com ellas duas jangadas pequenas: um "bote" e um "paquête". Deixaram de alimentar-se sómente com mariscos, aratús e bagres do arrecife. Lançaram-se ao mar, quebraram as tres primeiras ondas, que são as de respeito, deslisaram sobre os "jazigos" da agua traiçoeira e chegaram á força de remos até à corôa, pescando melhores peixes.

Certo dia, toda a familia foi pescar na corôa e demorou-se demasiado. A maré encheu, quando descuidados, levando as pequeninas jangadas encalhadas na areia molhada do banco. Ficaram sem meios de voltar e a agua crescendo de

todos os lados, rodeando-os, ameaçadoramente! Apesar dos sertanejos sêrem geralmente nadadores, de todos, só o velho Nicacio sabia nadar. Deitou-se ás ondas, afim de alcançar a praia e apanhar "bote" e "paquête" que a correnteza lá iria certamente levar. Antes, recommendou que todos de mãos dadas o esperassem sobre a corôa. A agua cobril-a-ia, chegando-lhes aos hombros. Resistir-lhe-iam ao embate, apoiados uns nos outros. Depois, o mar baixaria de novo. Mesmo que não conseguisse rehaver as embarcações, tivessem paciencia e esperassem que seriam salvos.

Porém o sertanejo inexperiente da vida praieira não se lembrou do maior inimigo do pescador, o tubarão esfomeado, ávido, pullulante naquellas claras aguas verdes, que mal sente "o cheiro do homem" vem em cardumes audazes. Emquanto as vagas davam pela cintura da mulher, dos filhos e do tio, emquanto elle, tendo alcançado a costa, procurava

ás pressas as embarcações, uma multidão de esqualos vorazes surgio em volta do bando assombrado. O pobre Nicacio ouvio um grito horrivel. Olhou e vio as barbatanas escuras dos monstros rapidamente resvalando á flôr do mar. A maré continuava a subir. Os infelizes debatiam-se nas aguas movediças e os tubarões, virando-se de dorso para baixo, vinham furiosamente, os papos amarellos á mostra, atacar os prisioneiros do oceano!!

O Nicacio encontrou o minusculo "bóte". Desesperado, saltou-lhe em cima e impellio-o energicamente com o remo curto sobre a crista espumejante dos vagalhões. Veio, gritando, em soccorro dos seus. Mas, quando chegou á corôa, somente achou, boiando sobre a luzente e impassivel face do mar, pedaços de membros ensanguentados, que os cações ainda ferozmente disputavam. Grandes manchas vermelhas tingiram-lhe a pá do remo. E, como doido, continuou de pé

sobre o "bote", gritando, gritando, entre o veloz rabanar dos tubarões assanhados!

A' tarde, o Caiçára e o Néco, passando alli, deram com elle assim. Deitaram-se a nado e rebocaram-lhe os quatro páus de timbaúba para terra. Cahio-lhes desfallecido nos braços. Voltou a si para contar a tragedia. Depois, chorou e, quando parou de chorar, foi amalucando, dizendo umas coisas pelas outras, fazendo asneiras, até que ficou "varrido", tornando-se furioso á vista de qualquer peixe e passando horas esquecidas a olhar o mar, ou a atirar-lhe pedradas, para matar tubarões talvez. E não durou dois mezes.

A ALMA DO TURCO

Fumosa candeia de kerozene pousada sobre um môcho de tres pernas alumiava o pequeno copiar da casa do João Carrapixo, onde me hospedára com o Macario, meu pagem, encontrando aboletados alli um conhecido vendedor de gado, o Israel do Joá, e dois negros.

A casa era pequena e velha, a taipa toda esburacada e o têlhado em petição de miseria, porém naquella êrma barranca do rio Quixeramobim, entre o Egypto e o Cruxatú, não havia outra. Na alcôva, dormiam o Carrapixo e a Theodosia, sua mulher, e a salinha era sempre cedida da melhor vontade áquelles que, como nós, subita cheia do rio impedia de seguir viagem.

Tinhamos armado as rêdes e fiangos, uns por cima dos outros, nas estacas de aroeira que sustentavam o tecto, e, para fazer somno, contavamos historias de almas. Fóra, a chuva açoitava, sem piedade, o matagal gemente.

Os cabritos e cabras da criação do Carrapixo, acossados pelas bátegas de agua, abrigavam-se na exigua alpendrada da habitação. Coçavam-se no barro das parêdes, ou na porta de umburana de espinho, que estremecia toda, chocalhando as dobradiças centenarias, de ferro batido a trouxe-mouxe, e a immensa fechadura de bróca. De quando em quando, o fulêjo velho, pae de xiqueiro, bufava repetidamente. E, á luz baça do candieiro, via o riso branco dum dos negros, que certamente fantasiava os actos bestiáes que o bóde, máu grado chuva e vento, commettia.

Quem mais contou historias de assombrações foi o Israel. Sabia um rór dellas, na maioria acontecidas com elle

proprio, no sertão distante dos Inhamuns, onde nascêra, ou nas suas longas e continuas travessias entre as ribeiras cearenses e as grandes feiras de gado de Pernambuco, ou da Parahyba. O negociante de bois, pelo que dizia, já tivéra relações com o corrupira, já vira duas, ou três, burras de padre, já desencantára um lobishomem e enconjurára, rente ao muro do cemiterio velho de Campina Grande, uma avantêsma branca de três varas de altura e cabeça de gallinha!

Ao terminar a narração deste ultimo caso, o preto que ria alvarmente do bufar do fulêjo, disse:

— Peor foi o que se deu commigo! Muito "mais peor"! Vosmincês todos podem dizer que é mentira, "mas porém" tão certo é eu me chamar Balbino da Purificação e ter nascido nas Ala gôas como ter se dado o que vou contar. Foi numa noite de lua, na fazenda do meu patrão Miranda, na Barra do Valentim. Os matos estavam todos cin-

zentos e cheiinhos de caborés piando. Só mesmo agouro! Fui ao bebedouro do açude levar o cavallo do filho do patrão, que chegára de viagem...

O negro calou-se e, lentamente, picou na mão aberta a ponta duma tóra de fumo, para encher o caximbo. Um fio gôttejante de agua, que a força da chuva augmentava, cahia por uma fenda do têlhado velho e batia monotonamente no barro soccado do chão, onde começava a formar pequena pôça. O Carrapixo, que estivéra sentado em silencio, a um canto, ouvindo a conversa, levantou-se, foi á cosinha, trouxe um alguidar de louça vidrada e collocou-o debaixo da gôtteira. Então, o fio de agua bateu no vaso com um pequenino rumor triste. A Theodosia, encostada ao humbral da alcôva, mantinha-se sem um gesto, uma palavra, um pestanejar de olhos sequer, impassivel.

— Fui ao bebedôuro noite de luar como ia dizendo, proseguio o negro. Le-

vava na cintura minha faca enterçada, feita pelos Fernandes do Crato, e uma garrucha de dois canos, carregada com palanquêtas. E foi a minha felicidade! Quando desci da parêde do "sangrador" para a cêrca do bebedôuro, coberta de melão de São Caetano, avistei a marmóta e fiquei logo tremendo de frio, com os cabellos arripiados! Era uma visagem a modos dum vulto branco, baixa e grossa, sem tirar nem pôr o corpo da Dorothéa do Ludovico, quando anda para ter criança. Bicho feio de todos os diabos! O cavallo do filho do patrão accendeu logo as ventas e as orêlhas, bufou três vezes, pôz-se todinho de pé e, arrancando o cabrêsto das minhas mãos, desembestou pelo caminho em fôra "que nem" maluco! Com o barulho que fez, a assombração, que estava de costas, virou-se para meu lado. "Voutes"! "Virgem Maria Santissima"! Era uma carranca medonha, com os olhos de fogo! Risquei mais que depressa o pelo signal no

peito, puxei a garrucha da cintura e fiz pontaria na coisa. Ella, então, foi estirando para riba, estirando, estirando até que ficou fina e alta como mastro de bandeira de novena! Papoquei-lhe fogo! Quando a fumaceira passou, não vi mais nada e estava com o braço dormente que nem o podia mexer. Credo em cruz! Nunca mais houve quem me obrigasse a ir ao bebedouro de noite.

Antes que alguem desse uma palavra, a Theodosia deu dois passos para o meio da sala e, com a luz da candeia a sombrear-lhe cada ruga, cada linha energica do rosto envelhecido, exclamou, olhando-me de frente:

— Tudo isso que essa gente conta, "seu" doutor, é pura mentira! Vosmincê não acredite. Tenho cincoenta e quatro annos, nasci na éra de sessenta e vi meu pae todo amarrado, todo "inquirido", recrutado como voluntario para a guerra do Lopes, lá no Paraguay; porem nunca na minha vida vi rasto de

alma, nem couro de lobishomem. E só Deus Nosso Senhor sabe por que vexames tenho passado! Raios me partam agorinha mesmo, si acredito em visagens!

— Então, vosmincê crê que só ha o corpo da gente, "sá Theodosia"? indagou com fingido espanto o Israel.

— "Inhor" não, moço, continuou ella, dirigindo-se somente a mim e cravando nos meus seus olhos negros de guajirú. "Inhor" não! Eu acredito em Deus Padre, em Nosso Senhor Jesus Christo, em Maria Santissima, em toda a côrte do céo e nas almas do Purgatorio; mas que ellas venham fazer besteira na terra em corpo de caxorro, ou de mula sem cabeça, ah! nisso não acredito não!

Passou os olhos com desprezo nos circumstantes e acrescentou:

— Dizem que lobishomem é gente amarella que tomou a figura dum caxorro grande e bate as estradas. "Lambanças!" Isso é até fazer pouco nos ca-

xorros. Eu já conheci um caxorro que tinha mais alma do que muito homem barbado que anda por ahi. Foi o Turco. Si eu contasse a historia delle, vosmincês chorariam de pena!

Pedi:

— Conte, dona Theodosia.

Os outros acompanharam-me no pedido:

— Conte, "sá" Theodosia.

O meu arrieiro collocou a candeia fumosa no chão e approximou o tamborête da velha. Ella sentou-se e falou:

— Quando eu tinha dez annos, morava na villa de Jaguaribe Mirim e na minha casa havia um caxorro grande, que pertencêra a meu pae, chamado Turco. Era mourisco, de rabo cortado, para evitar rabugem e não morder de furto, com uma orelha baixa e outra em pé. Eu e meus irmãos tinhamos verdadeira loucura por elle. Brincava a manja e os quatro cantos com a gente. Nós nos escondiamos e elle nos procurava, como

si fôsse uma pessôa. Mas minha mãe aborreceu-se muito com elle, porque deu para furtar e espantar as gallinhas. Deu-o de presente ao dono dum sitio perto da villa. Choramos muito, porem o homem levou o Turco. Dahi a três dias, o caxorro appareceu em casa, com um pedaço de corda no pescôço. Nós lhe fizemos muita festa e minha mãe ficou furiosa. Entregou-o, então, ao Abrahão da Venda, que o carregou para a fazenda de São Gonçalo, dahi a trinta leguas. Choramos mais ainda do que da primeira vez. Passou-se mais de uma semana e, certa tarde, quando brincavamos á porta da rua, o Turco veio correndo e latindo do lado do rio, magro como esqueleto, lingua de fóra, a morrer de fome e sêde. A gente agradou-o, deu-lhe agua e comida, e andou com elle em charóla até a hora de dormir. E minha mãe ficou ainda mais aperreada com o pobre bicho. Pedio-se muito a ella para o Turco ficar em casa

e consentio, com a condição de não roubar mais, nem perseguir as gallinhas.

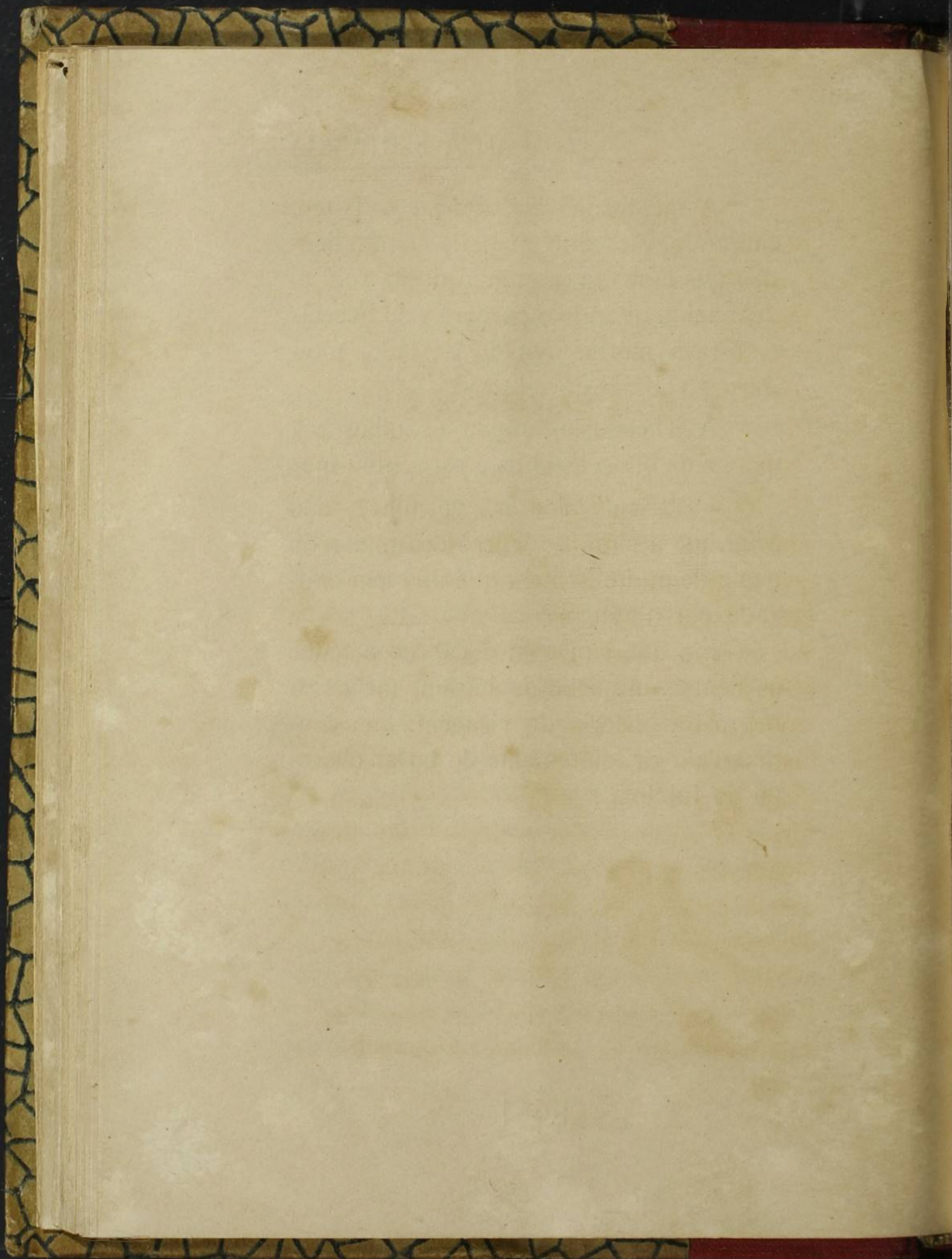
Mas qual! Era mesmo damnado e não largou o máu costume. Minha mãe não perdoou e prometteu-o a um mascate, que ia para o Joazeiro da Bahia, de onde nunca mais poderia voltar. O caxorro parece que adivinhou. Quando o procuraram, não o encontraram. Escondera-se bem escondido e só appareceu dois dias depois que o mascate foi embora. Minha mãe jurou que elle lhe pagaria essa. Dahi ha tempos, um paroara, que voltava para o Amazonas, quiz levar o Turco para o seu seringal, no rio Xingú. Na vespera de sua partida, minha mãe mandou amarral-o no fundo do quintal. Elle olhava-a, humilde, com os olhos cheios de agua, e ella, inquizilada, dizia-lhe:

— Agora, desgraçado, quero vêr você voltar para me furtar queijo e matar gallinha! Quero vêr você atravessar o mar a nado!

A meninada veio abraçar o Turco, chorando. Acredito que elle comprehendeu que essa era mesmo a ultima vez; e, de manhã, quando o paroara veio buscal-o, estava morto, deitado de lado, todo duro e coberto de môscas!

A Theodosia limpou os olhos na manga da blusa de chita e perguntou-me:

— "Seu" doutor, vosmincê não acha que a alma do Turco era maior do que a de muito homem que não tem amizade por ninguem?

Fiz que sim com a cabeça e todos os demais me acompanharam, menos o negro da historia da visagem, que continuava a rir idiotamente do bufar obsceno do fulêjo...

A MOÇA DA SAPIRANGA

Era tão agradavel aquelle sombrio socavão ao pé da serra da Tucunduba que me deixei ficar sentado numa pedra muito tempo. Um riacho claro cantava nos seixos e as nódoas do sol, cujos raios atravessavam esparsos a ramaria do arvorêdo, brilhavam sobre a alcatifa de fôlhas sêccas que cobria a terra, ou se perdiam na azulada transparencia da agua. Uma ou outra dessas nódoas como que boiava na correnteza. No fio de luz que descia por entre a fôlhagem densa dos maiores galhos duma janaguba, esvoaçavam, zumbindo, abêlhas mandaçaias. E na cópa das umaryseiras cantavam, de quando a quando, os bemtevis gamellas.

Alli estava tão fresco, tão bom, após a travessia que fizeramos, cortando em diagonal o valle do rio Ceará, desde a fazenda da Jandragoeira, que não tinhamos mais coragem de continuar a viagem interrompida. O Manéco Alves, com quem eu ia subir a serra até a casa do Xico Veado, aninhada ao meio de altos gitós, para negoriar um comboio de bananas, accendêra o caximbo de raiz e estendêra-se ao pé dum péga-roupa esgalhado, espreguiçando-se. Nossos cavallos dessedentados coxilavam á sombra. Cheguei mesmo a falar em um laço para pegar camarões no riacho. Devia haver muitos, entre as pedras. O Manéco deu um muxôxo e disse:

— Deixe-se de historias, homem de Deus! Vamos demorar dois dias lá em cima, no Veado, e teremos tempo de sobra para pegar camarões na levada do sitio, que é uma belleza! Olha, criatura: não tem camarão canella, como esta aqui que já desce para o sertão, mas a gente

se farta de camarões grandes da serra, que são melhores, cada aratanha, cada pituassú deste tamanho!

Sorri e continuei, immovel, a gozar daquella frescura tão bôa. Tinhamos que subir a serra e sentiamos, além das arvores, a refulgente luminosidade da vasta planicie sertaneja, por onde passáramos, eternamente queimada pela soalheira. Era no mez de outubro e, apesar de ter sido optimo o inverno, já se não viam, pelo sertão todo, fôlhas verdes, senão nas cannafistulas e jeremataias, nas oiticicas e joazeiros.

Fazendo um esforço para dominar a preguiça, ia eu dizer ao Manéco que era o momento de seguir viagem, pois o sol descambava muito, quando elle se pôz de pé rapidamente, limpando as calças de brim listado e as perneiras de sóla, com pancadas bruscas do chapéo de couro.

— Que foi? hein, que foi?

— Nada. Sentei-me aqui sem repa-

rar, juntinho duma casa de mombucas, e os diabos das abêlhas já me estavam subindo pela roupa.

— Bicho medroso!

— Medroso o que! Não quero negocios com abêlhas de fogo e de ferrão. Olha, criatura, gosto muito de mel, mas cortiço de tatahyra, inxú, inxuy, capuxú, sanharão, bôca-torta, cobatão e maribondo de chapéo nem á mão de Deus Padre vou tirar! Vou lá o que!

Montámos a cavallo e saudosamente deixámos aquelle delicioso recanto. Os animaes caminhavam a passo, muito unidos, pela torcicollosa e estreita subida da Tucunduba. Dum lado e de outro, cercas altas de arame farpado, de cinco fios, limitando os bananeiráes viçosos, os velhos cafezáes tristes. A tarde cahia. Voltando-nos sobre as sellas, avistámos o sertão immenso, ainda doirado pelo sol e todo emmoldurado de serranias.

Numa curva brusca do caminho, surgio á nossa frente uma cabôcla clara,

de olhos rasgados e pestanudos. Trazia á cabeça, sobre a rodilha de fôlhas de bananeira, um póte de agua e segurava-o com as mãos, arqueando os braços, o que lhe dava, a certa distancia, um aspecto de grande amphora classica. Era môça, sadia e frêsca como a serra magestosa. A pelle, levemente tostada, tinha tons de oiro. O cabeção da camisa, pobre de rendas, mal lhe tapava os seios virgens, pequeninos, redondos e duros como limões dôces. Ergueu para nós a face pura e singéla, com uma indefinivel graça natural, e murmurou:

— Bôa tarde, "seus" môços.

O Manéco respondeu-lhe á saudação no mesmo tom. Eu quiz dizer uma brincadeira qualquer sobre a tentação daquelles seios e daquella carne rija entrevista pelos rasgões da saia de chita; mas o meu companheiro tapou-me a bôcca com a mão callosa.

Adeante, sosinhos extranhei-lhe o gesto. Que mal faziam duas palavras

amaveis na estrada deserta? Toda mulher gosta de sentir que impressionou um homem, gosta que se apregôem seus encantos. O Manéco ouvio-me e abalou a cabeça, sorrindo:

— Olha, criatura, na cidade, póde ser; no sertão, não.

Ahi quem abalou com a cabeça e sorrio fui eu.

— Tanto faz no sertão como na cidade. A mulher é sempre a mesma em toda a parte.

— Lá isso não é não. Olha, criatura, vou contar-te uma historia de verdade e por causa della foi que te tapei a bôcca, que é logar por onde o homem morre mais que o peixe. Não gosto de ver succeder desgraça pelo caminho a companheiro meu...

Sumira-se o sol além da serra do Camará, no rumo do Boqueirão da Arára. O Manéco afrouxou mais as rédeas no pescôço do cavallo, porque a subida se tornava ingreme, e narrou-me o caso.

Fiz o mesmo com as rédeas do meu e escutei-o sem o interromper, de cabo a rabo.

— Olha, criatura, foi no sertão dos Orós que a historia aconteceu. Eu andava por esse fim de mundo, em negocios de gado, mais o meu compadre João Balbino, que foi quem situou a grande fazenda do Trapiá. Era homem alegre e folgazão, entrado já na casa dos quarenta, doidinho por um rabo de saia, capaz de fazer tudo por causa de mulher e viciado em dizer coisas a todas as cunhãs que encontrava. Uma tarde, indo commigo de viagem, topou no caminho com a filha dum capador de gado que morava alli perto e a gente conhecia de vista. Não era uma cabôcla bonita como essa serrana que acabamos de ver. Era lá o que! Era feia de verdade e tinha sapiranga nos olhos. Mas voltava do açude com o póte de agua no hombro, o vestido velho todo rasgado e todo molhado. Os peitos empinados levantavam a fa-

zenda poida da blusa e a gente sentia as pontinhas delles tremendo, quando ella andava. As unicas coisas que aquella diaba tinha de bonito eram esses dois diabinhos! Meu compadre João Balbino ficou todo "laméxa". "Voutes"! Homem damnado por um rabo de saia! Deus Nosso Senhor lhe fale na alma! Ficou todo assanhado como cupira, quando a gente mette a enxada nas casas de cupim em que fizeram ninho. Espiou, babando-se, para o seio da cunhã sapiranguenta. Ella puxou a blusa descahida, concertou o cabeção, escondeu os bichinhos e, olhando fito para elle, com uma cara zangada de onça, perguntou:

— Que é que você quer, "seu" malcriado?

João Balbino, em logar de ficar calado, respondeu:

— Quero me espetar no bico dos teus peitos, belleza!

Olha, criatura, a moça da sapiranga, ficou branca que nem o oitão lá de

casa, parou no meio da estrada, bateu com o pé, enfezada, e repetio três vezes:

— Si eu fôsse homem, você se espetava, mas era na ponta duma faca!

João Balbino largou uma risada e seguimos nossa viagem para os Orós. Passaram-se muitos dias, fizemos nosso negocio e, de volta, nos arranchamos á tardinha, perto da casa do tal capador, debaixo de grande joazeiro. Logo que o sol se pôz, accendemos uma fogueira e armámos as rêdes. Fumámos e conversámos um bom pedaço. A noite era de luar e, lembro-me bem, como se fôsse hoje, as raposas andavam numa vadiação damnada! Pegámos no somno com o Setestrello bem alto. De manhãsinha, quando o sol foi botando a cabeça de fóra, acordei e chamei o compadre. Não respondeu. Cuidei que estivesse ferrado no somno, embora não resomnasse. Fiz fogo e coei café. Fui dar-lhe um pouco, na rêde, e a panella cahio-me das mãos. O pobre João Balbino estava mor-

to, quasi sem manchas de sangue, com um sovelão de coser saccos de couro enfiado todinho no coração! Todo o tempo que levei carregando o corpo delle, atravessado na sella, até o povoado, lembrei-me da moça dos olhos de sapiranga e peitos empinados, que gritava, furiosa, no meio da estrada:

— Si eu fôsse homem, você se espetava, mas era na ponta duma faca!

Pensei mais que agulha de coser camisola ou de coser surrão, pequenina, ou grande, é mais arma de mulher do que de homem... Ninguem me tira da cabeça que foi essa diaba a assassina do meu compadre e por isso não gosto que companheiro meu mêxa com mulher que não conheça, pelas estradas.

O Manéco calou-se e esporeou o cavallo, que preguiçava. Eu não disse mais uma palavra até apear no pateo da casa do Xico Veado, que nos esperava deante do alpendre, impaciente, balançando na noite escura um grande lampeão de kerozene.

OS NORUEGUEZES DO SABIÁGUABA

O sitio Curió, do capitão Antonio Alexandrino, fica meia legua adeante da villa de Mecejana, perto da lagôa da Precabura, que é formada pelo estuario do rio Coassú. De longe, quem o buscar, vindo da estrada do Aquiraz pelos carnahubáes gementes das vargens, ou indo da estrada de Fortaleza pelos taboleiros enxadrezados de verêdas, avistará logo a mancha escura do seu coqueiral, dominando os matagáes rasteiros. Nenhum outro por alli possúe tantos coqueiros, tão altos, tão frondosos, tão bellos e tão antigos como esses, plantados ainda ao tempo do capitão-mór dos indios da Paupina, João da Cunha Pereira.

Fôra esse o fundador do sitio. Vindo de Goyana, em Pernambuco, comprára alli uma posse de terra e construira uma casa. Começava o seculo dezenove. Tempos rudes, naquella remota e aspera capitania do Ceará-Grande. Um chefe de familia, fazendeiro, ou plantador, tinha que ser tudo, mesmo ferreiro, mesmo medico, quando fôsse preciso. A casa do Curió ainda existe, tal qual o velho capitão-mór a construio, singela e baixa, com um alpendre á frente. As portas, de rijas madeiras, com dobradiças de ferro batido, grandes e grosseiras, com fechaduras de bróca, de palmo e meio de largura, e chaves colossáes. Quando a levantaram, não havia na villa nem na capital onde se comprasse um prégo cabral. Até os prégos fôram, portanto, forjados na officina e batidos na bigorna do proprio capitão-mór pelo ferreiro da terra. Tempos rudes! mas a casa centenaria de João da Cunha Pereira lá está, abrigando seus descendentes sob as mes-

mas têlhas que o abrigaram, emquanto muitas mais modernas desapparecêram sem deixar vestigios.

Não é muita a terra que rodêa essa antiga residencia senhorial, com casa de farinha, tendo bolandeira, e primitivo engenho de assucar; mas é bastante, toda ella delimitada por vallados profundos, em cujas bordas se debruçam mangabeiras viçosas e ameixieiras bravas. Casa e dependencias ficam dentro do coqueiral formoso. Para o nascente, alinham-se mangueiras e jaqueiras, debaixo das quaes se elevam montões de estrume tirado do curral dos bois de carro ou da estrebaria dos cavallos, que as gallinhas vão ciscar. Ao norte, um pomar de tangerineiras, de goiabeiras brancas, de araçázeiros grandes, de dois ou três jámbeiros e de uma esgalhada cajázeira. E o passarêdo, naquella ramaria, a cantar o dia todo.

O sitio tem uma levada, marginada de ambos os lados por uberrimo alaga-

diço, onde se planta canna cayana e creoula, e que termina na orilha de pequena mata, reserva florestal religiosamente conservada numa região que não tem mais um accende-candeia de tamanho sufficiente para dar uma forquilha de cangalha. Um ambiente de tradição, trabalho e honestidade brasileira á antiga envolve essa mansão escondida modestamente á sombra dos coqueiraes seculares, no seio dos vastos taboleiros que se estendem entre a Precabura e a estrada de Fortaleza.

Por isso, nos meus passeios por aquelles lados, sôffregamente o busquei sempre, como se as horas que alli passava me enchêssem de repouso a alma inquieta pela agitação do meu tempo. Oasis de bonança e profunda tranquillidade aquelle velho sitio. Tudo alli me era conforto. Sentado á mesa tôsca, conversava com o velho proprietario, o capitão Antonio Alexandrino, que me falava sempre de coisas idas, que são, na verdade,

as mais bellas. Levantava os olhos para o tecto de "têlhas vans", contando, por desfastio, os caibros alinhados. Elle acompanhava meus gestos. De repente, meu olhar pousava num velho carretél de madeira, especie de moitão de navio, prêso a uma das vigas de aroeira que sustinha o têlhado, por um torçal de fios brancos. O capitão repetia a mesma historia:

— Este carretél está ahi ha mais de setenta annos! Eu devia ter uns seis quando tio Vicente subio numa escada e o amarrou com aquelles fios de algodão aqui do sitio, fiado pelas mãos de minha mãe. Lembro-me como se fôsse hoje. Servia para subir um lampeão grande, que clareava a casa toda, nas noites de festa. Depois, todos os môços e môças, irmãos, primos, amigos, envelhecêram, morrêram, ou procuraram outras terras — melhores, dizem elles — e nunca mais houve festas...

Como aquelles fios brancos e for-

tes, limpa e forte era a alma do ancião. Nunca mudára. Tudo se metamorphoseára em derredor della. Apparecêram a Republica e o gaz; mais tarde, a electricidade, o automovel e o aeroplano; mas, no seio daquelles vallados centenarios, defendidos por elles, viviam immoveis e indifferentes ás mudanças, naquelle homem, o espirito e o sentimento dos antigos povoadores da capitania. E era isso o que a minha curiosidade de escriptor ia procurar na casa vetusta do Curió.

Após o jantar, sentava-me ao lado do capitão, num grande banco tôsco que havia na varanda. Formavam-no duas taboas escuras, de madeira de lei, reunidas, tendo a espaços furos regulares, bem redondos, dos quaes metade ficava numa taboa e metade noutra. Os menores estavam approximados aos pares; os maiores, isolados. A' primeira vez que alli me sentára, perguntei a razão daquelles buracos e desde então, um ou outro dia, o capitão repetia a explicação que me déra:

P.e Aldo

— Isto era o "tronco", quando meu pae foi capitão-mór da Paupina, depois chrismada em Mecejana. Estava na casa da Camara da villa, na parte de baixo, que servia de cadeia. As duas taboas ficavam uma sobre a outra, em posição vertical, prêsas a mourões de páu-d'arco. Dum lado, unindo-as, uma dobradiça; do outro, duas argolas e um cadeado.

Suas mãos enrugadas alisavam as rudes madeiras, devagarinho. E proseguia:

— Nos buracos pequenos se prendiam pelas pernas, ou pelos pulsos, certos criminosos, os indios mansos incorrigiveis, os bêbedos e os ladrões de pequenas coisas. Nos maiores, mettia-se o pescôço dos que matavam, dos escravos fugidos, dos que salteavam pelas estradas, ou roubavam gado. Menino, ia olhar a sala do tronco, quando meu pae passava tempos na sua casa da villa. Estava sempre cheio de gente. Os presos chamavamme: "Seu" Toínho, por favor, chegue

aqui!" Ia. Um pedia-me um tijôlo, para calçar o pescoço, logo acima dos hombros; outro, uma canéca de agua; ainda outro, para tirar-lhe do bolso o caximbo, enchêl-o de fumo, pôl-o á sua bôcca e accendêl-o. Fazia tudo isso com prazer. E, quando meu pae apparecia — parece-me que o estou vendo — de chapéo armado, soiças e bengalão retorcido, fugia sorrateiramente.

O velho cearense ficava com o olhar parado no espaço, como a vêr todas aquellas scenas que evocava, emquanto o alto canto dos corrupiões vinha do pomar e eu, insensivelmente, me levantava daquellas taboas, em que tantos homens, justa ou injustamente, havia tantos annos, tinham padecido.

Uma feita, além dessas mesmas coisas, contou-me triste caso, ao tocarem suas mãos o buraco grande do centro do banco, como si esse contacto lhe tivesse acordado na memoria o esquecido acontecimento:

— Neste esteve preso um dia inteiro, pelo pescôço, o Mathias do Sabiáguaba. Você conhece o Sabiáguaba, menino? Não, não conhece. E' um recanto de praia e bem bonito, por signal, entre a barra do Rio Cocó e a do Pacoty. Meu pae tinha ahi uma posse de terra, onde criava bódes, entregue a um morador de confiança, esse Mathias, viuvo, sem filhos, que, numa casinha de palha, vivia sosinho com Deus. Certa manhã, andando por cima dos morros, avistou no mar um navio desarvorado, que por volta de meio-dia, encalhava no areial. Delle desembarcaram seis homens, ninguem sabe de que terra, porque o Mathias não entendeu patavina do que falavam. Fazendo-se entender por signaes, levou-os á sua choupana, onde bebêram toda a agua do póte e mais a de três duzias de côcos. Vinham "arados" de sêde e fome. O Mathias plantára pequeno roçado num baixio. Havia macaxeira dum lado e mandioca do outro. O menino sabe que

a macaxeira é o mesmo aipim, que a gente póde comer á vontade; mas que a mandioca embebeda e mata como o peor dos venenos. Pois elle tirou uma braçada de macaxeiras da rocinha, cosinhou-as e deu-as aos marinheiros, que comêram até acabar o ultimo pedacinho. Como pareciam muito cançados, o morador fez-lhes comprehender que vinha prevenir meu pae, para ir buscal-os no carro de bois, e ficassem descançando, dormindo na choupana, durante sua ausencia. Veio a pé, coitado! Chegou aqui tarde da noite. Estava tudo dormindo. Esperou que o dia amanhecesse, falou com meu pae, que mandou logo preparar o carro e seguio na frente, a cavallo, com dois homens. Quando chegaram ao Sabiáguaba, os seis marinheiros estavam mortos no copiar da casa e havia restos de mandioca cosida numa panella de barro! Os desgraçados tinham visto o cabôclo arrancar, lavar, descascar e cosinhar as macaxeiras. Tiveram fome, em-

quanto elle não regressava e fizeram o mesmo, porém com as mandiocas, que só os conhecedores differenciam das outras. Envenenaram-se. Meu pae prevenio a justiça da capital e mandou enterrar os homens na lombada dum môrro, defronte do logar onde o navio encalhou. Ha uns quarenta annos, estive pela ultima vez no Sabiáguaba e ainda existiam quatro cruzes das seis que o carpinteiro do Curió fez para as sepulturas.

— Então, perguntei, o Mathias esteve no tronco por suspeita de ter morto os naufragos, até se aclararem as coisas?

— Qual o que, menino! Meu pae mandou prendêl-o, porque ajuntou um bando de cabôclos, roubou uma caixa de bebidas de bordo do tal navio, apanhou uma carraspana damnada e "desmanchou" três sambas, noite de sabbado, na lagôa Redonda, perto do Muritiapuá.

Passaram-se mezes e tive opportunidade de ir á praia do Sabiáguaba, a

cavallo, com um amigo da redondeza. Naquella praia arenosa e batida de sol, procurei vestigios do drama que o velho me narrára. Das seis cruzes sómente restava uma e sem braços; mas, em frente, quasi sumida na areia, a pôpa redonda dum pequeno veleiro, na qual ainda se liam estas lettras:

S N D . . . . .
K R I S T . . .
NORGE

CHIFRE DE CABRA

João Gamelleira foi meu pagem, numa triste viagem que fiz entre a serra Azul e a do Estevam, durante uma das peores sêccas que têm assolado o sertão. Era um cabôclo alto e claro, musculoso e calmo, cheio de rude ironia para tudo. Nunca o interior cearense produzira typo mais intelligente e interessante. Paradoxal no seu modo de falar, tinha respostas incisivas, repentinas, em todas as occasiões. Entendia de todos os mistéres daquella região ardente e áspera: castrava e ferrava o gado, sabia mêzinhas para os cavallos doentes, benzia "espinhélas cahidas", tirava novenas, cantava desafios na toada "ligeira" e na

"naturá", conhecia todos os caminhos e toda a gente que por elles trafegava, e, apesar de analphabeto, costumava dizer que, sendo preciso, até dizia missa. A's vezes, porém, no meio da sua constante alacridade, um desanimo o tolhia e elle, abalando a cabeça, exclamava:

— Eu sou chave que abre muita porta e só não abre a que devia me servir "móde" passar... "Mas porém", se não abrir a do céo, ao menos ha de abrir a do inferno...

Depois, encolhia os hombros e sacudia fóra de si os máus pensamentos. De novo, nos seus labios carnosos, sob o bigode ralo, floriam sorrisos. E era um gosto ter a companhia do João Gamelleira, viajando.

Na travessia das ribeiras calcinadas, nesse anno, passámos dias horriveis, sem agua para beber, muitas vezes encontrando cadaveres esqueleticos, que os urubús bicavam e vendo nossas cavalgaduras deperecêrem á mingua de ali-

mento. Um dia, no meio de certa varzea estorricada, onde não havia no sólo nú uma fôlha sêcca e as arvores despidas e negras como que se retorciam de dôr, elle, relanceando o olhar pela desolação que nos rodeava, largou esta frase profundamente significativa da miseria que presenciavamos:

— Qual, "seu" doutor, aqui não tem mais nada com que se entupa um chocalho!

Mais adeante, a cópa verde-cinza dum joazeiro heroico alegrou a catinga morta e, junto a elle, uma carnahubeira linheira e alta, a unica que por alli havia, dava ao vento subtil da tarde a harpa eolia das palmas. E florescia naquelle deserto, desafiando os horrores da sêcca!

O Gamelleira olhou, demoradamente, a palmeira florida e disse:

— Qual, "seu" doutor, cada vez a sêcca vae ser peor!

— Por que, homem de Deus? indaguei.

— Porque carnahubeira quando flóra é signal de sêcca demorada.

— E quando não flóra?

— Qual, "seu" doutor, quando não flóra é muito "mais peor"!

Baixei a cabeça, pensativo. Terra infeliz em que a graça natural do rude sertanejo é a zombaria contra a inclemencia da natureza com que luta! Naquelle agreste sertão, muitas vezes, quando não ha sêcca, desabam sobre gados e gentes flagellos "mais peiores": pestes, epizootias, invernos tão abundantes e prejudiciaes que se chamam "sêccas de agua".

Depois que me acolhi á serra do Estevam, dispensei o pagem. Elle voltou para a fazendola onde morava, á margem do Banabuiú. Passei mais de um anno sem vêl-o até que o encontrei na feira do Quixadá, vendendo um cavallo fouveiro, "bom de carga e de sella como ninguem".

Estendeu-me, satisfeito, a mão callosa. Apertei-a com prazer e perguntei-

lhe como ia. Respondeu-me como verdadeiro philosopho da desgraça:

— Qual, "seu" doutor, vou ruim como capim!

Obedecendo a natural curiosidade, quiz saber o que significava essa maneira de exprimir-se. Elle sorrio e disse:

— Qual, "seu" doutor, o destino do capim é o peior do mundo. Si não chove, morre sêcco, estorricado. Si chove e cresce, vem o boi e come-o. Para todos os lados que olho, só vejo desgraça. Por isso, vou ruim como capim.

Sorri. Elle não sorrio mais. Conservava mais tempo no rosto aquella fugaz impressão de desanimo deante dos mysterios da vida, que observára na nossa viagem. Só desfranzio os labios, quando delle me despedi.

No anno seguinte, contaram-me na venda do Xico Dunga, na cidade de Quixeramobim, um facto horrivel, acontecido para os lados de Banabuiú. Pequeno criador dalli, desconfiando do procedi-

mento da mulher, durante suas frequentes e prolongadas ausencias como pagem, arrieiro, comboieiro, passador de gado, ou vendedor de cavallos, fingio ir para um desses mistéres e occultou-se num pedregal, perto de casa. A' noite, quando a lua nasceu, vio chegar a cavallo, no terreiro, o filho de importante fazendeiro da visinhança. O rapaz apeou-se e entrou na sua morada. Deixou passar algum tempo e approximou-se. Os cães logo o conheceram e não latiram. Encostou-se á parêde de taipa e vio a esposa entregar-se ao outro.

Penetrou, como uma féra, no lar deshonrado. Passando pela porta da cosinha, que ficára aberta, apanhou o machado de rachar lenha. Dentro da camarinha, desferio centenas de golpes sobre os dois amantes reunidos na mesma rêde!

Quem me narrou o caso não me dei' os nomes das victimas, nem do assassino, mas acrescentou que viéra humildemente

entregar-se á prisão e que o sub-delegado local achára dentro da rêde verdadeiro angú de carnes e ossos, não se podendo reconhecer feições, nem mesmo membros, dos dois cadaveres horrivelmente confundidos. E concluio:

— Veja o senhor! Andam ahi pelas ruas, sôltinhos da Silva, os peores cangaceiros e ladrões do mundo, apadrinhados pelos chefes politicos. Entretanto, esse pobre homem, que, num momento de aguda raiva, castiga o adulterio da mulher, apanhada em "suffragante" delicto com o seu seductor, foi condemnado pelo jury a trinta annos de prisão.

— Justiça do Ceará te persiga! foi praga de nossos avós, rematei, accendendo o caximbo de raiz atufado de bom fumo da terra|

A' primeira vez que fui á cadeia de Quixeramobim encommendar aos presos um par de botas de couro crú, vi o João Gamelleira mettido num cubiculo infecto. Falou commigo atravéz das gra-

des. Sua mão tremia na minha e vi que tinha os pés muito inchados. Como lhe perguntasse por que motivo alli se achava, contou-me, calmamente, o crime que me tinham relatado na venda do Dunga. Na sua face, pesava uma tristeza calma, definitiva. Todo elle, olhar, voz, gestos, era uma resignação profunda, um fatalismo immenso. Dir-se-ia um arabe. Sorrio, ligeiramente, ao dizer-me:

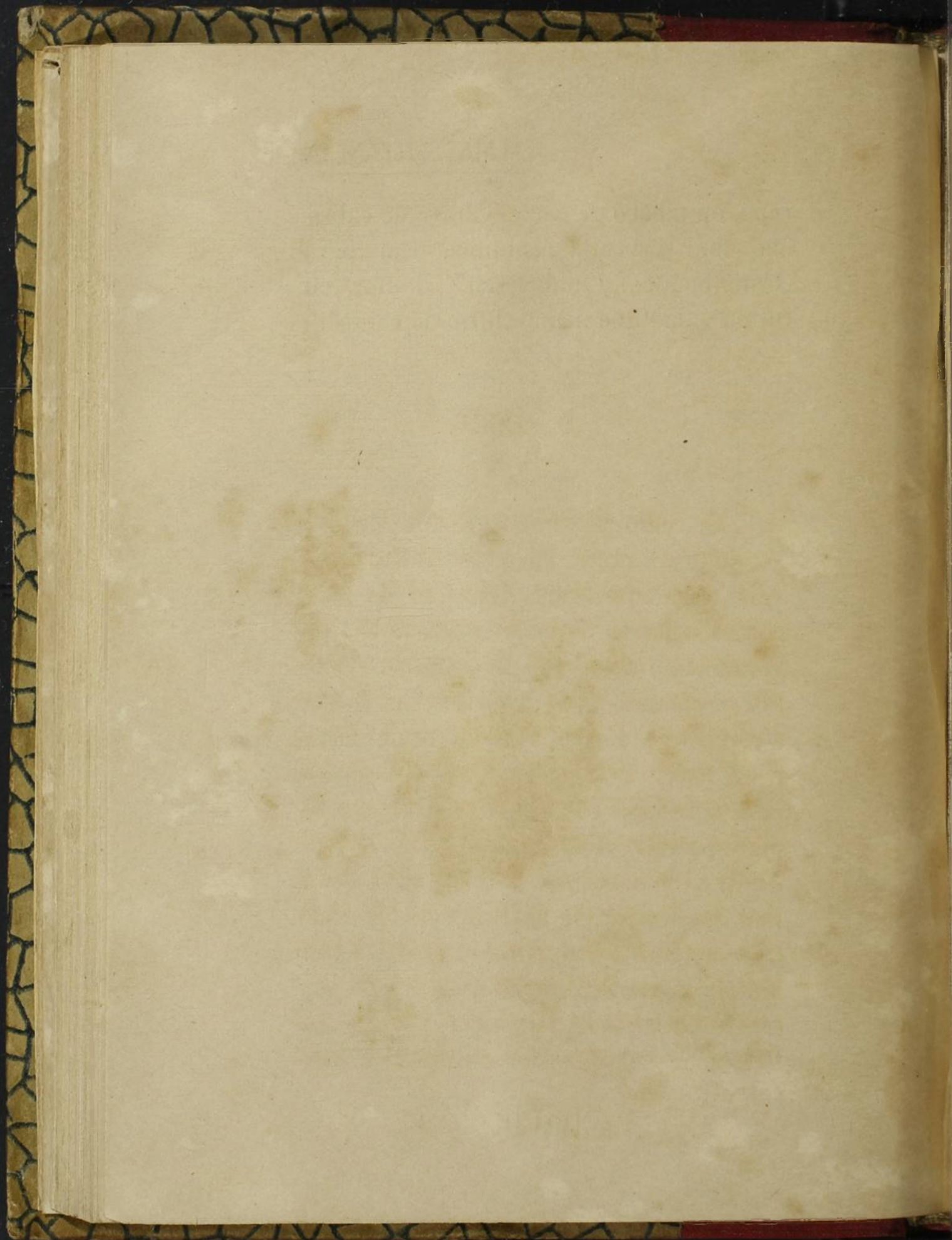
— Qual, "seu" doutor, fui chave para muita porta e só abri para mim as grades da cadeia e do inferno!...

Meus olhos pousaram nelle com piedade e quiz dizer-lhe uma palavra consoladora. Não m'o consentio. Interrompeu-me:

— Qual, "seu" doutor, não diga nada! Eu sou como chifre de cabra...

Antes que o interrogasse, continuou:

— "Inhôr" sim. Com chifre de boi se faz tudo — botão, copo de dados, bengala, cabo de faca; com chifre de carneiro se faz cornimboque, para guardar

rapé, ou tabaco de caco. Chifre de cabra não tem serventia nenhuma, nem para cornimboque... Qual, "seu" doutor, eu fui na vida "que nem" chifre de cabra!...

A LOUCA

O velho Domingos Lopes partira, ao cahir da noite, da quasi abandonada villa de Pentecostes. Cansado de lutar contra a sêcca daquelle anno fatal, que vorazmente devastára as humildes ribeiras sertanejas, tendo visto tombar de inanição sobre o sólo estorricado a derradeira vacca da fazenda onde trabalhava, resolvêra fugir do povoado sequioso e faminto, rumando para o littoral. Dahi o conduziria o destino aos igarapés doentios do Norte, ou ás fazendas de terra rôxa do Sul. Encarava a alternativa com indifferença. Sua bronzea alma de sertanejo de nada se arreceava. Seria o que tivesse de sêr. Gastára cincoenta e mui-

tos annos de vida naquelles cafundós, a mourejar na lavoura e na criação, de enxada em punho ao sol quente das baixadas, encourado e a cavallo no recesso espinhento dos carrascáes, e de viola na mão, ao luar maravilhoso, nos terreiros poentos em que fervilhavam os sambas. Bastava, para ter corragem, pensar que nascêra na terra onde "desgraça pouca é bôbagem", ou é "tiquinho", e só se pesa a infelicidade de "arroba p'ra riba!"

Afastando-se de Pentecostes, caminhára a noite inteira, com a velha lazarina carregada de balas de chumbo ao hombro, o chapéo de couro deitado para a nuca e o barbicaixo a vincar-lhe o pescoço. Seu passo igual e seguro resoou pelo caminho êrmo, entre as catingas desfôlhadas, num silencio immenso que nem o grito dos animaes bravios cortava mais. Silencio de cemiterio! O luar esverdinhado escorria pelo tronco dos arvorêdos esqueleticos, prateava o pateo limpo das fazendas abandonadas, onde se não ou-

viam mais ladros de cães. Nas proximidades dos curráes desertos e dos bebedôuros chupados, alumiavam ossadas de rêzes e talvez de gente. E, sobre a vasta desolação e o vasto silencio, a cupola alta do céo indifferente, que o luar fazia translucida, e de cuja diaphaneidade a lua pallida deixava correr para o sertão morto as lagrimas da sua luz mysteriosa e funebre.

Caminhando sem parar, o velho sertanejo pensava em como seriam as terras para onde ia sósinho e miseravel, terras que nunca vira, porque nunca sahira de sua ribeira agreste, cuja descripção nunca lêra, porque não sabia lêr. Como seriam, em verdade, a capital do Forte, o mar, o vapor "os Almazonas", ou os cafezáes sulinos? Baixava a cabeça, suspirava, passava a mão callosa pelos duros cabellos grisalhos empoeirados, "maginando" nos horrores da sêcca, que acabava com tudo — plantas, gados e gentes, no seu pobre sertão! Os olhos hume-

deciam-se com saudade dos tempos felizes, quando andava coberto de couro de capoeiro, atraz dos barbatões e novilhos fugidos, ou quando cantava a desafio nas vendas das encruzilhadas.

Ao amanhecer, longe, a serra do Gigante banhava-se no oiro pulverisado do sol. Pedregulhos micantes reluziam, como embutidos de gemmas, entre a garrancheira do mato, á beira do leito sêcco dum corrego. O vento leve erguia rente ao sólo torturado ligeiras espiraes de pó negro. De onde em onde, por cima do bracejar dos galhos escuros e pellados, surgia, qual um oasis no deserto, a cópa valente dum joazeiro, quasi murcha, verde-cinza! E as palmas das carnahubeiras, esparsas em pequenos grupos pelas varjótas, gemiam baixinho, doloridamente.

O velho cabôclo parou num ponto mais alto da estrada e percorreu com o triste olhar a paysagem morta. Depois, fixou a vista aguda, meio kilometro ade-

ante, numa fachada singela de casa, que branquejava á luz. Sobre as têlhas rubras do tecto pousavam urubús tingas e camirangas. Ondeava no ar um revôo de aves negras. O Domingos Lopes, cheio de curiosidade, apressou o passo naquella direcção. Perto da casinhóla, um afláto de podridão obrigou-o a tapar as nárinas. Apesar disso, avançou e gritou, junto á porta, que estava fechada:

— O' de casa!

Ninguem respondeu. Os urubús do têlhado, espantados, batêram azas e voaram, rumorosamente. O éco repetio ao longe a ultima syllaba do seu grito. Foi tudo. Empurrou a porta com a mão. As taboas de umburana de espinho resistiram, guinchando. Metteu-lhes, então, o hombro, retezou a musculatura de aço, num esforço, e arrombou os batentes, que se abriram com estrondo e ficaram estremecendo nas dobradiças desconjuntadas. Um bafo horrivel veio do escuro copiar. O retirante recuou, aperrou a

espingarda, num instinctivo receio de qualquer surpreza, e penetrou na casa.

Formigas e môscas cobriam o cadaver dum caxorro magro, atravessado deante da porta. Os olhos logo se acostumaram á escuridão e descobriram, estirados ao pé das parêdes de taipa, cobertos de trapos immundos, os corpos apodrecidos de três pequenas crianças, que deveriam ter morrido de fome.

Nada havia que fazer alli e o sertanejo ia retirar-se, quando esbogalhou os olhos de horror. Da porta da camarinha sahia uma mulher de pupillas afuzilantes, melenas cahidas, ossos furando a pelle terrosa, inteiramente núa, os peitos resequidos tombando como pelhancas, brandindo na mão tremula, comprida e afiada faca de vaqueiro! Dava pequenos saltos, rangendo os dentes como onça, o corpo sacudido por violentos estremeções, durante os quaes parecia que os ossos chocalhavam! Verdadeiro monstro de fome, desespêro e loucura! Fitou

no homem estatico os olhos de febre e fogo, rugindo entre gemidos roucos, a sacudir cabeça e grenha, a revolvêr o ar com a lamina reluzente:

— Assassino! Assassino! Abandonaste-me com os meus filhinhos, dizendo que ias buscar recursos na povoação. Elles morrêram de fome e sôde, coitadinhos!...

Desatou a soluçar. O velho ia dizer-lhe qualquer coisa: explicar quem era e por que estava alli, consolal-a, quando, novamente enfuriada, bradou:

— Elles morrêram, pae miseravel! Eu vou morrer de fome e sêde como elles, mas, antes de morrer, vou matar-te, para comer tua carne e beber teu sangue!...

Soltou um uivo formidavel:

— Quero beber o teu sangue!...

O Domingos, encostado á parêde, arma engatilhada na mão, suava frio e tremia de horror. Ella deu um pulo maior para elle, fitando-o com as dilatadas pupillas febris. O cabôclo vacillou,

como se a casa lhe andasse á róda. A lamina luzio a dois passos do seu pescôço. Apertou com as mãos geladas a fecharia da lazarina. Insensivelmente, enconstou o cano ao peito da sinistra mulher e um tiro quebrou o silencio immenso do sertão!

A louca cahio, abrindo os braços, escabujou no chão alguns momentos e logo se inteiriçou. E elle, largando a espingarda, fugio pela porta escancarada, na carreira...

O POÇO DAS PIRANHAS

Foi, durante muitos annos, dono do sitio Monte-Flôr o capitão Damasceno Mendonça, que vendêra seu cartorio de tabellião, em Fortaleza, e se retirára da vida activa, para descansar seus ultimos dias naquelle rincão frêsco e farto da serra de Baturité. Constava o sitio de meia legua quadrada de bôas terras, poucos altos e muitas vasantes, pequeno açude á beira da estrada, engenho primitivo de moer canna, bolandeira para desmanchar farinha e uma casa grande, assoalhada, pintada de amarello, com alpendrada corrida, em redor.

Na monarchia, antes da abolição, predio e terras pertenceram á celebre familia dos Rodovalhos, possuidora de

muitos sitios de banana e café, na serra, e de varias fazendas de criar, nos sertões de Canindé e da Pedra Aguda. Gente barbara, semi feudal, tôrva, valente, cruel e cheia de formidavel orgulho. Temida por toda a parte, devido á sua união, que armava todos os irmãos e primos, com as sucias de cabras, á menor ameaça que a um delles alguem tivesse a ousadia de fazer. E contavam dos Rodovalhos um ról de historias de arrepiar.

Mas o tempo lhes destruio o poderio. Decahiram pouco a pouco. Os ultimos rebentos vendêram o Monte-Flôr, solar familiar, capital de suas propriedades, áquelle pacifico tabellião. De muito longe o conhecia, relações antigas de familia, e muito gostava de sua franqueza e bondade. Duas, três vezes por anno, largava meus trabalhos e ia passar uma semana, em companhia do velho e de dona Raymundinha, sua mulher, na casa rodeada de laranjáes do sitio hospitaleiro.

Levava vida ociosa e relativamente divertida. Acordava ás seis da manhã para o banho no açude, após o qual me serviam uma tigela fumegante de café com leite, queijo de manteiga e de coalho, cuscús e biscoitos de milho. Sahia a cavallo, galopando pelas estradas limpas, de barro soccado, num melado-caxito esquipador e passarinheiro, até Guaramiranga, onde palrava instantes com amigos, na botica, até Pernambuquinho, onde conversava um pouco com um vendeiro conhecido, ou mesmo até Pacoty, onde tomava uma "chicara-dedal" de café bem preto com o filho do Anastacio Correia, chefe politico governista.

A's dez horas, estava de volta e a negra Thereza servia o almoço farto e saboroso: picadinho com gerimum, gallinha de cabidella, malassada, laranjas em calda e café. Fumava uma caximbada na rêde da varanda, olhando a luz do sol brincar nas aguas do açude e "prosando" com o Damasceno. Jogavamos

gamão, dormiamos á sesta, caçavamos mocós de espera, ou nambús de pio, passeiavamos a pé, iamos visitar um vizinho, ou desciamos até Baturité, para tratar de negocios, sómente regressando á noite. A não ser nestas descidas, jantavamos ás quatro horas da tarde e jogavamos gamão até a hora de dormir, quando na treva densa tremeluziam vagalumes.

Um dia, não sabendo o que fazer, inventei uma pescaria. Passámos horas ao sol, no açude, de anzol e tarrafa. Pegámos somente três curimatans magras. Desapontado, disse que preferia pescar nas lagôas do littoral, para os lados do Aquiraz e de Mecejana, onde tinha amigos que me convidavam. Lá não faltavam uiriús, piabas, carás, gargarús, morés, jundiás, jacundás, mil outros peixes.

O velho, temendo que lhe faltasse, de quando em quando, a alegria de minha presença, explicou-me que, por motivos varios, nas aguas dôces das serras havia sempre muito menos peixe do que

nas do sertão, ou da costa. Entretanto, promettia ensinar-me um logar, que eu não conhecia, dentro do proprio sitio, onde pescaria com abundancia, pois os antigos proprietarios tinham criado alli um viveiro de cangatys, trahyras, piáus, branquinhas e piranhas. Chamava-se o pôço das Piranhas, tantos desses bichos vorazes continha. Conduzir-me-ia lá no dia seguinte.

Fomos, depois do almoço. O pôço ficava no sopé dum alto, sob as cópas verdi-negras de arvores immensas, logar êrmo, umbroso e humido. Havia como que lôdo até no ar. Os troncos do arvorêdo, os galhos, os cipós, as pedras estavam cheios de limo. Ciciavam insectos. A luz do sol não atravessava as frondes compactas. E a agua quieta, sinistra, estendia-se na sombra sem uma ruga, muito escura.

Baixei-me e nella mergulhei a mão. Era fria como gêlo. Preparei o anzól com

uma minhóca e ia atiral-o na agua, quando o velho Damasceno falou:

— Ainda o não tinha trazido até aqui, porque este pôço tem uma historia de fazer mêdo.

Logo, com a attenção despertada, a curiosidade esporeada, arranquei o anzól da agua profunda e negra, pedindo-lhe me dissesse o que sabia. Elle demorou calmamente os olhos nos meus e contou:

— Não juro que seja verdade, porém um velho escravo da familia, que ainda encontrei aqui, dizia ter visto tudo. Si mentia ou caducava, isso é lá com elle. A mim repetio o caso antes de morrer, asseverando que me não prégava pêta. Juramento de moribundo, você sabe, é coisa sagrada! Na hora da morte, só mesmo um endemoniado é capaz de mentir. João Rodovalho, pae do Manoel, que me vendeu o sitio, casou no Aracaty com uma môça alta e alourada, da familia Martinho, bonita como que! E tinha um "xodó" por ella "que nem" caxorro em

certos tempos... Mulher, diziam os antigos, é peor do que três diabos de sociedade. Consta que essa valia mais do que quatro, na manha. O certo é que o Rodovalho descobrio, no fim do segundo anno de casado, e bem descobertos, os amôres della com um mulato môço e bem parecido, que lhe servia de pagem. O negro velho jurou-me que fizéra os escravos de confiança pôrem ambos núsinhos em pêlo, como vieram a este mundo, de pés e mãos amarrados, mandando atiral-os dentro desta agua perigosa. Em segundos, milhares de piranhas devoraram os desgraçados. Ficou sómente em cima do poço uma grande mancha de sangue!... O escravo moribundo disse que vio tudo...

Enrolei o cordão do anzól, em espiral, na vara flexivel e propuz ao velho amigo:

— Vamos para casa?

— Vamos.

E, sob a compacta fronde das arvores, a agua sinistra e negra, sem uma ruga, estendia a sua frialdade, silenciosamente...

OS FILHOS DO CAPITÃO JOÃO PEDRO

— Tempo de sêcca, moço, a gente vê coisas!

E o velho João Pedro, capitão reformado, veterano do Paraguay, que vivia em Fortaleza, silenciosa e tranquillamente, do seu modesto sôldo, ficou por muito tempo pensativo, riscando com a ponteira do guarda-sol "barraca" o saibro fino do chão. Estavamos sentados num banco do Passeio Publico da capital cearense, deante do mar verde e bravio, á sombra de altas castanholeiras que ramalhavam ao vento da tarde.

O sol dava nos areiaes alvissimos da costa desabrigada, ainda com força. Sobre elles, as sombras dos coqueiros

lentamente se estiravam, á proporção que o astro descia para o occaso. O capitão levantou a cabeça e repetio:

— Tempo de sêcca, moço, a gente vê coisas!

Pedi que me contasse algumas. Levantou-se, offereceu-me grosso cigarro de palha de milho e fumo picado, dos chamados "peito de vacca", accendeu outro e caminhou para a velha fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção, que se encostava ao Passeio. Disse-me:

— Prefiro falar nessas coisas andando.

Comprehendi que desejava um meio de disfarçar qualquer emoção e segui-o. Trepámos sobre a larga muralha ameiada, construida pelo marechal Pedro José da Costa Barros, e ficámos instantes de olhos perdidos na paysagem praieira que se estendia dos nossos pés ao horizonte. Na fimbria do mar e do céo, na "risca" dos jangadeiros, para o norte, vultos azulados de serras, ou dunas, surgiam á flôr

das aguas, como grandes náus de guerra em linha de batalha. Sobre a costa árida, de revoltos areiaes brancos, os três coqueiros tristes da Lagôa Funda, o têlhado e os altos para-raios do Paiol da Polvora, a barraquinha do Telegrapho Submarino e os labios espumantes das ondas. Por traz dos morros do Croatá e do Moinho, cobertos de casas como uma lapinha, appareciam as casuarinas do antigo cemiterio dos Inglezes. Aquem dos morros, parte da estação ferroviaria, rampas immundas, os muros brancos da Cadeia, a fachada da Santa Casa e os negros reservatorios do Gazometro.

Abaixo de nós, viam-se galpões aduaneiros deante das aguas tumultuarias da maré enchente, que batia com violencia, espadanando espumaradas, de encontro ao abandonado quebra-mar das Obras do Porto; um maceió ennegrecido pelo pixe do Gazometro, que desembocava no pôço da Draga, coalhado de al-

varengas, lanchas, botes, escaleres e bateiras.

Dahi o olhar passava pelo Arsenal de Marinha, enfiava pela rua do Chafariz, toda ensolada, encontrava ao fundo um, coqueiral barrando a perspectiva, desviava-se para o mar, onde alvejavam velas de jangadas, demandando o Porto, ou o Meirelles, e seguia as curvas do littoral até a volta da Jurema e a ponta do Mucuripe, dominada pelo seu pharol.

O velho esquecêra-me, distrahido pela vista. Pulei para o recinto atapetado de hervas das velhas baterias. Elle acompanhou-me por entre os canhões de bronze, que ainda ostentavam no dorso, acima das alças em fórma de golfinho, serpente, ou dragão, as armas lusas, castelhanas e flamengas. E foi dizendo:

— Um caso da sêcca que lhe queria contar veio-me á lembrança alli no Passeio Publico, onde se passou. Como você sabe, debaixo das suas arvores, o governo do Estado, quasi sem recursos

e sempre sem intelligencia, accommodou, na ultima sêcca, grande parte dos retirantes que alcançaram a capital. Aquelle bello logar ficou reduzido a um acampamento desordenado e miseravel. Dos galhos baixos das mongubeiras e outras arvores pendiam centenas de rêdes pequenas, rasgadas e immundas. Sobre três pedras, as panellas de cosinhar o feijão das distribuições, n'agua e sal. Ao pé dos troncos, accumulados, caixotes e trouxas, surrões e cêstos, esteiras e cassuás. No meio dessa confusão, homens esqualidos, de ceroulas e camisas de algodãosinho rôto e negro de sujeira, mulheres cadavericas, enroladas em côlxas de retalhos, crianças de todos os tamanhos, andrajosas, ou núas, todas famintas e tristes. Nem uma cantiga, nem um som de viola nesse arraial desolado! Pobre gente!

Chegavamos a um bastião mais alto, onde havia restos de antigo mastro de signáes. Debrucei-me do parapeito. Lá

em baixo alumiava o corrego do Pajehú, entre os capinzáes do sitio do Mississipi. O capitão João Pedro proseguio:

— Cada pessôa da cidade veio trazer a esses miseraveis um pouco de conforto: este, roupas velhas; esse, embrulhos de café; aquelle, um pedaço de carne; aquelle outro, um saquinho de feijão. Não houve quem se não apiedasse de tanta miseria e esquecesse a esmola que podia dar. Em frente ao Passeio, morava nesse tempo, numa casinha baixa, de porta e janella, o Zé Remigio, guarda da Alfandega, que tinha mais filhos do que cabellos na cabeça. Vivia quasi na miseria. Seu pequeno ordenado não chegava para sustentar a familia. Por isto, a mulher matava-se a fazer "dôces de taboleiro", que os meninos vendiam pelas ruas. Elle fazia todas as economias possiveis. Afim de não pagar ao barbeiro, cortava o cabello da filharada, adquirindo, com o tempo, bastante pratica desse mistér.

Pois, meu amigo, esse pobre homem não podia dar aos retirantes do Passeio um vintem, ou uma cuia de farinha, porque isso faria falta aos seus. Mas a caridade é grande como o mundo, quando é espontaneamente verdadeira. E o pobre Zé Remigio achou geito de ajudar aquelles infelizes a carregar o pêso da sua afflicção. Todas as manhãs, antes de ir á Alfandega, apparecia no Passeio, como muitas vezes vi com estes olhos que a terra ha de comer, para cortar de graça os cabellos sujos, emmaranhados, cheios de piôlhos daquelles que a sêcca expulsára do sertão!

Nunca tivera relações com esse optimo homem. Conhecia-o sómente de vista. Porém, depois que o vi agir assim, passei a comprimental-o com mais honra e maior prazer do que ao Presidente do Estado, — esse que ahi está, o que já passou, ou o que está para vir!

Demorei os olhos na larga face brunida de sol e enrugada pelos annos do

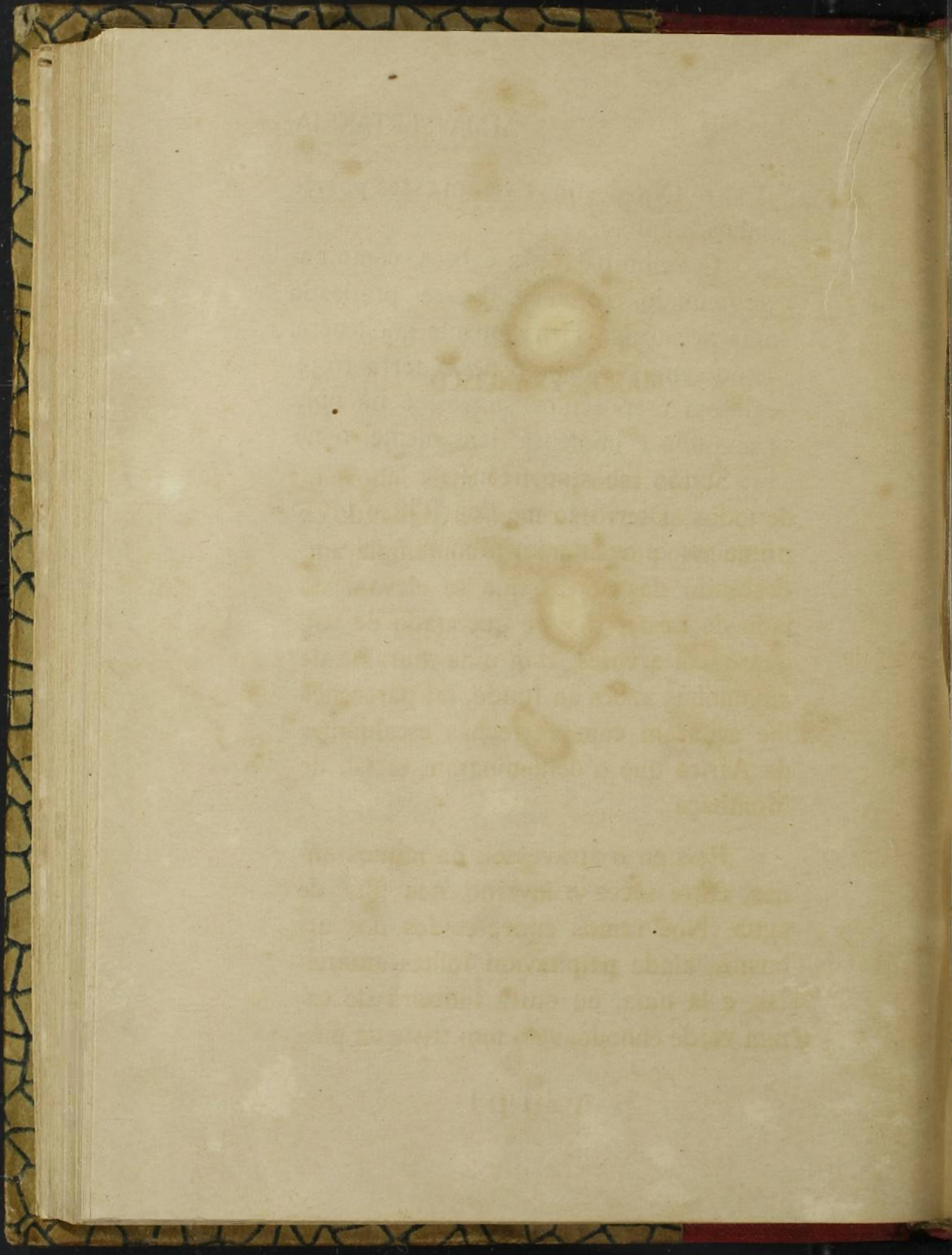
velho soldado, toda emmoldurada em cabellos brancos. Estavamos de pé junto a um grande canhão, que alongava o pescôço sobre o respaldo em declive da muralha. O sol rasava a superficie convexa dos morros, lá para os lados da barra do rio Ceará.

— Entretanto, Deus ainda se não apiedára do Ceará infeliz, nessa terrivel sêcca! Além da fome e sêde, veio a peste! As bexigas começaram a matar aquelles que haviam escapado á miseria. Zé Remigio, coitado! cortando o cabello daquella gente desamparada, em contacto diario com ella, levou a doença para casa: morreu primeiro a filha mais velha; depois, a mulher; por fim, elle lá se foi tambem!... Um horror! Deixava sósinhos neste mundo de amarguras oito crianças, das quaes a mais velha contava sómente onze annos!

Piedade e admiração invadiram-me a alma, privando-me momentos de falar. Emfim, rompi o silencio:

— Que destino tiveram esses pobresinhos, capitão?

O velho baixou a cabeça, como envergonhado, como se tivesse praticado uma acção má. Bruscamente anoitecêra, como sempre anoitece nessa terra tropical sem crepusculos suaves, e na noite tranquilla e immensa, lentamente, o nobre ancião me respondeu:

— Deus não me deu filhos, môço, e eu tomei esses para mim.

MANO FRANCISCO

Sertão inhospito! O mais inhospito de todos os sertões cearenses. Quando os primeiros povoadores o contemplaram, descendo das serras que se elevam do lado de Leste, vasto e queimado de sol, quasi sem arvores, com uma muralha de montanhas azues ao fundo, tal parecença lhe acharam com as rechãs escaldantes da Africa que o denominaram sertão de Mombaça.

Pois eu o atravessei, ha muitos annos, entre sêcca e inverno, nos fins de agua. Nos ramos ennegrecidos dos arbustos, ainda palpitavam fôlhas amarellas, e lá uma, ou outra touceira de capim verde ennodoava o tom triste da pas-

tagem acamada. Após um dia de calor intenso, passado a cavallo, cheguei mais ou menos pelas quatro horas da tarde. a uma casa de têlha e taipa, entre altas umburanas de cheiro, encostada a longo xiqueiro de bodes.

— O' de casa!

— O' de fóra! respondeu-me lá de dentro uma voz feminina.

A' porta, logo se apresentou uma mulher morena, de olhos claros, môça e nada feia, mas com um grande gilvaz cortando-lhe de altabaixo a face direita. Perguntou-me:

— Que deseja?

Respondi:

— Vou para a fazenda do Bento Alves, daqui a três leguas, mas, como estou com muita fome e lá só poderei chegar ao anoitecer, desejava que me dessem qualquer coisa para jantar. Pagarei bem.

Por traz da mulher surgio um rosto

tostado e energico de sertanejo, de cabellos alourados, que falou:

— "Desapeie", môço, "o de-comer está botado" e vosmincê janta com a gente. E' jantar de pobre e dado de coração, "mas porém", si faz questão de pagar, será melhor ir bater noutra porta. "Desapeie", môço.

Apeei-me e prendi o cavallo pelo cabrêsto a uma estáca do xiqueiro. Desapertei-lhe a silha e dei-lhe agua numa cuia. Depois, tirei-lhe o freio e puz-lhe o embornal de milho ao focinho. Entrei na casa de chapéo na cabeça, mas sem espóras, em signal de consideração pelo dono, segundo o "estatuto" da terra. A comida constava de gerimun cosido, leite de cabra, farinha e rapadura, tudo em pratos de louça grosseira e coités, sobre um couro de boi, no chão. Sentei-me no barro batido, com os dois, e conversámos. Disse de onde vinha e para onde ia. Soube que viviam alli sosinhos, eram casados e não tinham filhos.

Ao meio da refeição, um urro selvagem, como de onça com fome, fez-me estremecer, arrepiou-me de horror. Mas tal era a placidez dos dois que pensei tratar-se de alguma sussuarana· mansa, amarrada, ou engaiolada, do lado trazeiro da casa. Mais duas vezes, o mesmo berro horrivel ecoou alli proximo. Perguntei o que era. Sorriram amarello e não me respondêram. Com certo esforço, consegui ficar calmo como elles.

Findo o jantar, accendi o caximbo e sahi ao terreiro com o matuto. Dei, de vagar, conversando, volta á casa, espicaçado pela curiosidade de saber que uivo pavoroso era aquelle.

Do lado da cosinha, sob uma das fôlhudas umburanas, deparei com uma coisa medonha. Era um monstro de fórma humana, nú, com uma tanga de estôpa em farrapos, uma tira de couro crú ao pescôço, outra na cintura, das quaes pendiam correntes que o ligavam ao tronco forte da arvore. Tinha os olhos enco-

vados, barbas e unhas crescidas, fôlhas sêccas misturadas aos longos cabellos desgrenhados. Dava pulos machináes, como os macacos prêsos, escancarando as mandibulas armadas de dentes amarellos. Uivou de novo, longamente!

Nisto, a mulher sahiu de casa, com uma cuia de comida numa das mãos e um cacête de jucá na outra. Afugentou o "bicho" com o páu e collocou a cuia sobre uma forquilha de três pontas. Afastou-se. Aquelle ente pavoroso dirigio-se, então, para o alimento e devórou-o bestialmente, com a cara dentro da cuia!

Fiquei gelado e olhei com assombro para o sertanejo, que, parando e cravando nas minhas as escuras pupillas penetrantes, disse com a maior naturalidade:

— Coitadinho! E' o mano Francisco. Teve uma porção de doenças feias na cidade de Barbalha, onde estava trabalhando, veio tratar-se em casa e ellas lhe subiram para a cabeça. Não houve cabeça-de-negro que lhe desse geito, nem

sangria, nem reza forte, nem benzedura! Ficou doido varrido e deu para querer matar todo o mundo. Vosmincê não vio aquelle talho na cara da Mundica? Foi obra delle, com a machadinha de rachar lenha! Ella custou muito a ficar bôa, quasi morre! Prendemos elle na camarinha, de mãos amarradas, porque as parêdes de taipa não aguentariam elle solto. Pois roeu as cordas com os dentes, arrombou a parêde e fugio. O Tonico, nosso irmão mais velho, quiz segural-o e elle o matou com a mão-de-pilão! Pedimos soccorro ao delegado de Humaytá, mas nem "móde coisa", a policia não fez nada. Fomos obrigados a "requerer o adjutorio" do compadre Theotonio do Sacco da Velha, que veio aqui com três vaqueiros. Caçámos mano Francisco no mato, pegámos elle trepado numa oiticica, amarrámos o desgraçado e faz mais de anno que "véve" debaixo daquelle pé de páu. Já descascou a umburana toda com as unhas! Tem uma força! Quando

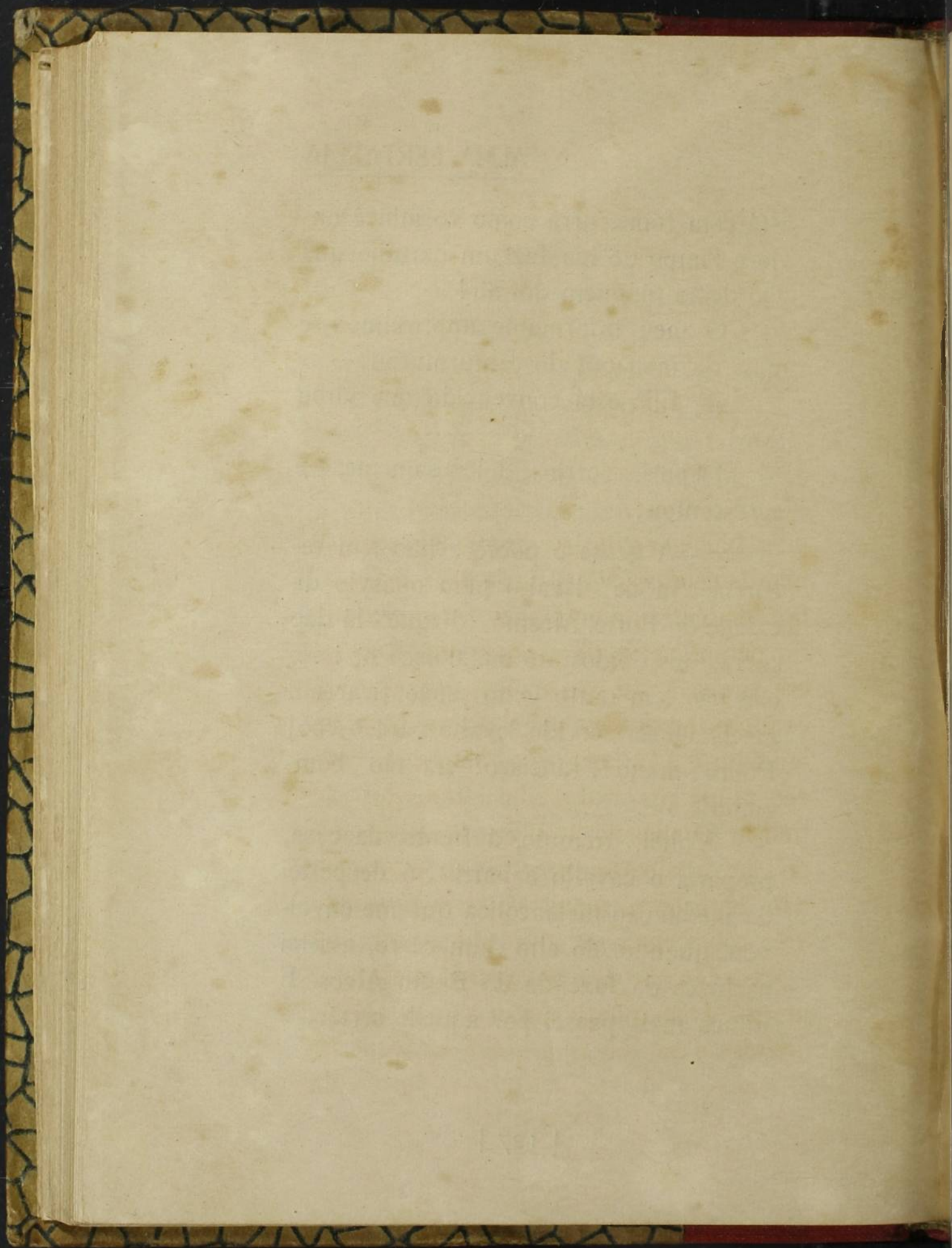
está com fome, urra como vosmincê ouvio e tempo de lua faz um barulho que não deixa ninguem dormir!

O meu informante approximou-se mais do meu ouvido e murmurou:

— Elle está convencido que virou leão!

Depois, sorrio, dolorosamente, e acrescentou:

— A gente é pobre e não tem recursos "móde" leval-o para o asylo da cidade do Forte. Mesmo "dizque" lá dão surras nos doidos até matal-os. Por isso, elle não tem outro geito senão ficar alli até Deus ser servido leval-o para o céo! Pobre mano Francisco! era tão bomzinho!

Voltei, tremulo, á frente da casa, preparei o cavallo e parti. Só despertei da meditação melancolica que me envolveu, quando, do alto dum cêrro, avistei as luzes da fazenda do Bento Alves. E nunca mais passei por aquelle sertão.

O PERDÃO DAS TREVAS

Noite escura. O Setestrello alto e nem mais um grito de caboré, de mãe-da-lua, de coruja, de qualquer bicho nocturno, nem mais um vôo rasteiro de bacuráu, ou passar veloz de raposa, que a sêcca era brava e da garrancheira morta das catingas toda a vida tinha desertado. Noite escura e no negrume longinquo do céo os pingos de luz silenciosos das estrellas. O silencio, esse era de amedrontar, profundo, immenso como a escuridão da propria noite. Muito raramente, uma cobra cascavel silvava, faminta, nas trevas. O chão era tão sêcco, os galhos mortos e as fôlhas cahidas estavam reduzidas a pó tão fino que os passos do

João Bruzundanga pareciam sem rumor, de algodão, mysteriosamente fôfos como o vôo dos curiangos.

Elle ia lentamente pelo caminho largo que o seu instincto de sertanejo adivinhava, descendo a lombada dum contraforte da serra da Joanninha, no fundo dos ásperos sertões cearenses que a crise climatica tornava quasi intransponiveis. Embora acostumados áquella dura vida, o silencio, a solidão negra da noite o apavoravam. Tinha ímpetos de parar, erguer os braços para a amplidão impassivel e gritar, gritar, gritar, até cahir esfalfado alli mesmo, ou de desandar a correr, a correr, até rolar na poeira, exhausto! Para dominar a emoção invasora, levantava os olhos para os luzeiros celestes e contava-os, um a um, dandolhes os nomes sertanejos:

— O Cruzeiro, o Carreiro de Santiago, as Três Marias, o Rabo de Tatú, o Carro de Bois...

E, de repente:

— "Cadê" a Papaceia?

Percorreu com a vista o espaço constellado e murmurou:

— Ella só apparece ao cahir da noite, quando os meninos vão comer mingáu. Nem me lembrava... E, "dizque", quando elles não chegam depressa, a estrella come o mingáu "todinho"... "Busões"!...

Outros pensamentos o assaltarám. Vinha de longe, duma povoação triste e pauperrima da fronteira do Piauhy, onde a sêcca era tão ruim, senão peor que no Ceará. Deixára a mulher e o filho recemnascido, sem vêl-os pela ultima vez, na sua casinha de traz da egreja, e fugira com gente no encalço, que sómente perdêra sua pista na noite anterior. Mal tivêra tempo de prover-se, numa venda, de meia tira de carne sêcca e uma garrafa de caxaça.

Veio-lhe, novamente despertada, a sêde horrivel. Desde a vespera, não bebia uma gôtta de agua. A derradeira, sor-

vêra-a, de bruços, na lama duma cacimba abandonada, dalli a oito leguas. De dia, escondia-se nas garrancheiras, ou nos pedregáes; de noite, pela escuridão, caminhava. Sómente assim evitaria que dessem com elle os que o vinham seguindo desde o Piauhy.

Bebeu um trago, o derradeiro, na bôcca da garrafa. Um ardor queimou-lhe demoradamente as mucosas. Lançou-a ao longe, a êsmo. Ella cortou o ar, bateu numa pedra, ou num tronco, e quebrou-se, retinindo.

Para que tomar caxaça naquella apertura? Era bem uma "abrideira", como diziam. Deu-lhe uma fome! Havia quantas horas já mastigára crú o ultimo pedaço de carne sêcca? E nenhuma esperança de consôlo naquelle deserto hostil, nenhuma! Estava todo elle, na mesma petição de miseria, o sertão cearense, calcinado pelo sol: garranchos a perder de vista, subindo, descendo, tornando a subir e a descer as ondulações do terreno;

nem uma fôlha verde; todas as fazendas e casebres ao abandono; ossadas de rêzes por todos os lados e ninguem, ninguem, ninguem! Que horror!

De novo, seus olhos procuraram a face negra do céo, recamada de joias, e a sua voz gemeu:

— O Setestrello... o Carro de Bois... o Rabo de Tatú... O Cruzeiro... as Três Marias... o Carreiro de Santiago... Ah! a Papaceia fugio... fugio como eu...

E sorrio, dolorosamente. Fugira, sim, após uma luta de faca, deixando estendidos e "com Deus", á porta do Mercado, dois homens!

Luzinha tremula, coada atravez dos garranchos, lhe ferio as pupillas alertas. Com effeito, lá do seio da catinga morta vinha um lume tenue. Que bom! Pulou-lhe no peito o coração, "que nem cabrito ás primeiras chuvas", cuidou elle. Ia talvez achar quem lhe desse um pouco dagua, uma mancheia de farinha, ia vêr gente... Vêr gente! Farejou, tacteou a

borda do caminho. As mãos sentiram uma pedra; depois, arranharam-se em espinhos. Adeante, um silvo de cascavel na tocaia chegou-lhe aos apurados ouvidos.

— Que diabo! O que é ruim não se acaba! Não ha sêcca que mate cardeiro nem cobra de chocalho!

Adivinhou uma verêda e seguio por ella, mais lentamente ainda, rumo da luz entrevista. Outros pensamentos lhe vieram e entre elles a rememoração exacta do crime. Pequeno insulto do Manduca, filho do boticario Anacleto dos Passos, numa festa, deixára-lhe o rasto do diabo na alma, tão fundo como si ella fôsse ainda mais móle do que massapê no inverno. Andára a esporear-se a si mesmo com a idéa da vingança, como êma,quando corre e se espéta com o aguilhão das azas. Mezes e mezes não pensára noutra coisa. Nem uma só vez levára suas idéas para o lado da familia e de Deus. Então, desse se afastára de todo. Nem sabia

mais da conta do tempo em que se não confessava; nem tambem do em que não ia á missa. Pensava em alcançar o Joazeiro do Santo Padre Cicero, que lhe não recusaria a bençam purificadora, como nunca a recusára a nenhum dos criminosos acoitados á sombra do seu prestigio.

Em que dia estava? E reflectio: vira o Manéco dirigir-se ao mercado, o demonio o tentára (tambem para que lhe déra o Antonio Socó aquella faca enterçada, que furava um vintem de lado a lado e dava ganas de ser experimentada no couro dum christão?!), atravessára-se-lhe á frente e esbofeteára-o. O outro era homem e reagira. Brilharam facas fóra da bainha, logo! O Belisario, irmão mais môço do Manduca, corrêra da botica, em defesa do mano, com uma garrucha de dois canos. Errára ambos os tiros á queima-roupa. Elle, Bruzundanga, era "curado" de bala, tinha o "corpo fechado"! Quem era capaz de duvidar, depois disso? Tornára-se uma féra na

luta. Estendêra os dois irmãos esfaqueados, na calçada! Fôra no dia vinte e dois, ao meio dia. Havia dois dias e duas noites que fugia. Estava, portanto, a vinte e quatro de dezembro, vespera de Natal.

Seu olhar procurou no manto de velludo preto do firmamento as Três Marias. Ellas brilhavam desusadamente, mais altas, mais distantes. Elle pensou que, no sertão, as chamavam tambem os Três Reis Magos e que, certamente, iam em busca do Deus Menino, para adoral-o.

Seus pés pisaram um terreiro limpo de casa. A luz que avistára filtrava-se dentre as palhas entretecidas duma cabana. Chegou-se á mesma. A porta de taliscas de burity estava encostada. Abrio-a e penetrou no copiar. Ao chão, uma velhinha magra e esfarrapada, morta de inanição. Abaixou-se, pegou-lhe as mãos geladas, mas ainda sem rigidez. Não devia haver muito tempo que exhalára o ultimo suspiro.

Em frente della, sobre uma mêsinha tôsca, ardia, ao pé do Pequeno Jesus no berço, rodeado por Nossa Senhora, São José, o Burro e o Boi, de páu, muito velhos e sem pintura, um tôco de véla de sêbo. Accendêl-o fôra a derradeira acção daquella anciã, morta das agruras da sêcca naquelle deserto!

Bruzundanga ficou em silencio algum tempo, perdido no emmaranhado cipoal de seus pensamentos. A luz bruxoleou e morreu a um sôpro mais forte do aracaty que chegava. A cabana ficou tão escura quanto a noite, lá fóra. Insensivelmente, elle ajoelhou nas trevas densas, voltado para as imagens que não via mais, fez o signal da cruz, deixou pender a cabeça sobre o largo peito e exclamou:

— Pela santa noite de hoje, meu Deus, perdoae-me a morte dos filhos do boticario!... Eu me arrependo tanto do que fiz!

E sentio naquella escuridão silencio-

sa como que um grande allivio, como se Nosso Senhor o tivesse escutado e suas pequeninas mãos suaves poisassem de vagar, muito de vagar, obre a sua pobre cabeça, que a febre começava a escaldar...

O LOBISHOMEM

Historias de lobishomens!

O sertão está cheio dellas, cada qual a mais pavorosa. Não ha matuto que não tenha espiado pelo buraco da fechadura a rumorosa passagem desse monstro, que não é cão nem homem, nas estradas enluaradas, noites de quinta para sexta-feira, vulto horrivel, de olhos de fogo e resfolegar ardente, ao qual os caxorros não têm coragem de latir.

Ha mesmo gente que affirma têl-o visto "virando-se", isto é, na occasião da metamorphose, de roupas vestidas pelo avêsso, espojando-se no estrume dos cavallos de sella e das bêstas de carga. E todo sujeito pallido, de olheiras, opilado,

tem esse fadario, nas luas crescentes uns, nas minguantes outros.

Uma das mais estranhas historias de lobishomens foi a que occorreu com o Manoel Tertuliano, afilhado do coronel Zé Machado, dono da fazenda dos Três Corações. Era um rapaz de vinte e cinco annos, branco, desempenado e valente, que o fazendeiro criava desde pequenino. Achara-o abandonado á beira do caminho, perto de casa, uma noite, e trouxera-o a choramingar, na lua da sella. Dona Pulcheria, sua casta e feiissima esposa, tomára conta do engeitadinho, do pobre "filho das hervas", cujos verdadeiros paes nunca se descobriram. Mas as filhas do Geringonça, faladeiras de truz, emquanto fôram vivas não se cansaram de espalhar aos quatro ventos que a mãe era, por força, a Xiquinha do Serrador, uma assanhada que punha gomma na cara, como "muié-dama". E o pae, esse só podia ser o bilontra do coronel, ho-

mem "desavergonhado", "arrastador de asa", peor que bóde velho.

O Manoel Tertuliano cresceu como filho do velho casal sem próle, sempre muito querido e dando bôa conta de si. Tanto assim que era quem muitas vezes andava com o dinheiro do ancião e lhe resolvia os mais sérios negocios.

A casa da fazenda dos Três Corações passava por ser a melhor da ribeira do Banabuiú, entre os campos do Oriá e o Taboleiro Grande. Ficava num alto, a cujos pés se estendia o açude, de parêde de alvenaria. Os curráes que a ladeavam, amplos e bem cercados, tinham porteiras de aroeira pintadas a zarcão, com dois chifres encruzados em cima, para enfeitar e dar bôa sorte. Nas salas e camarinhas, o chão estava bem atijolado e, como as parêdes tivessem flôres azues semeadas na brancura da cal, o povo dos arredores dizia que era "vê uma egreja". Sob a sua alpendrada, descansava,

emborcada num giráu, uma canôa de pescar no açude.

No mez de março de 1899, anno da "sêcca de agua", em que as demasias do inverno castigaram o sertão, o coronel Machado levou a mulher para o Quixadá, afim de vêr se melhorava, com a mudança de ares, duma "suffocação" que a andava perseguindo e só podia ser mesmo "espinhéla cahida", ou "coisa feita".

O rapaz ficou na fazenda, esperando uma boiada de gado de "sôlta", que devia chegar da Cachoeira e elle pagaria na occasião da entrega, descontando o refugo. Fazia-lhe companhia o vaqueiro Geraldo, que tinha fama de homem honesto, incapaz de praticar qualquer acto indigno, olhos de raposa em cara de santarrão. Era a unica pessôa que sabia ter o Tertuliano, numa das malas, cinco contos de réis empacotados, para pagamento dos garrotes que iam chegar.

Todos os dias, elle dava uma volta, a cavallo, pela visinhança e trazia noti-

cias terriveis do apparecimento de cangaceiros por aquella pacifica região, o que impressionava o môço, por causa da somma de que era depositario.

Certa noite, o vaqueiro chegou "sarapantado". Encontrára na venda do Cosmo Paes três cangaceiros "cacheados" e na volta da estrada, ao pé do serrote da Panella, mais quatro, todos cobertos de "apetrêchos bellos", com "mariannas", cartucheiras, "canindés", e riffles de calibre 48 e dezoito balas! Quem sabe não teriam farejado a maquia deixada pelo coronel em mãos do afilhado? Talvez soubessem da vinda da boiada e calculassem estar o dinheiro á espera. Si atacassem a fazenda, que poderiam elles dois fazer contra seis ou oito "bichos", habituados ao "cangaço", para quem matar era "nenen", gente sem duvida do celebre Zé Dantas?

O rapaz, receioso, acreditou no vaqueiro e pedio-lhe á reconhecida saga-

cidade uma traça salvadora. Então, o Geraldo falou:

— "Seu" Tertuliano da minha alma, Virgem Maria, o melhor é não querer brigar com essas onças-tigres, si apparecêrem aqui! A gente deixa "elles" entrar na casa e procurar o dinheiro nas malas, que é onde pensam que deve estar, mas a gente já o escondeu noutro cantinho. Escute, patrãosinho, enterrar não vale a pena, as notas ficam todas estragadas. Bota-se o pacote debaixo desta canôa, no giráu, e nós dormimos nas rêdes, pertinho, aqui no alpendre. Si elles vierem, não poderão adivinhar que o cobre esteja ahi, em logar tão atôa, não é mesmo?

O plano foi pouco discutido e logo acceito na atarantação do momento. Sahio o maço da mala de pregaria e foi parar debaixo da canôa. Ambos amarraram as rêdes nas forquilhas da alpendrada, com as armas ao alcance da mão.

Antes de pégar no somno, o Geraldo perguntou ao rapaz:

— Vosmincê sabe, "seu" Tertuliano, o que está acontecendo ao Pedro Fulô depois que chegou do Amazonas, feito paroára?

— Não. Que é?

— Deu "móde" virar lobishomem, o desgraçado!

— Por que ficou amarello de doença? indagou o môço, meio incredulo.

— "Qui o quê!" Os filhos da Candinha andam dizendo que é porque elle foi "mação" sete annos, na companhia dos nova-seitas e dos judeus de rabo, sem ir á missa, sem se confessar e cuspindo em Nosso Senhor, no Bóde Preto de Manáos. O que eu sei é que lhe deu o fadario. Elle corre noite de "lunha", de quinta para sexta, com as orêlhas batendo nos hombros, do tamanho de abanos, focinho de caxorro, e uivando. Credo, assombração! E já viram o bruto aqui por perto do açude...

— Si elle apparecer, você me acorde, Geraldo, que desejo experimentar uma bala de riffle no couro do damnado.

Fôram as ultimas palavras que alli se pronunciaram, nessa calma noite de luar. Ambos dormiram ao embalo duma brisa subtil, perfumada, que lhes trazia de longe o canto das mães-da-lua.

Mas o somno do rapaz, preoccupado, era inquieto. Devia ser tarde, quando acordou, sem saber por que. Abrio lentamente os olhos e, sem mover-se, olhou em redor. Na noite tranquilla, os mesmos effluvios mysteriosos do luar. A rêde do vaqueiro mostrava-se pejada pelo seu corpo membrudo. Ficou alguns instantes a espiar o mato proximo, quando, de repente, dum canto da casa surgio de quatro pés um homem, com qualquer coisa cobrindo a cabeça e uns couros de maracajá amarrados pelos hombros e pela cintura!

O vulto do Geraldo enchia a sua rêde quieta. Que seria, pois, aquillo? O

Pedro Fulô virado lobishomem? Seria possivel? Apesar do seu espanto, dos cabellos arripiados, aproveitando a distracção do bicho, o Tertuliano pegára a clavina, que estava no chão, sob a rêde, e a apertava nas mãos.

O lobishomem dirigio-se para a canôa, metteu-lhe as mãos por baixo, retirou o pacote e ia voltar para onde surgira, quando o rapaz, comprehendendo mais ou menos, pôz-se rapidamente de pé, levou a arma á cara e atirou.

Depois, mais calmo, desemborcou o cadaver cahido de bruços numa pôça de sangue e todo ataviado de couros velhos: reconheceu nelle o honesto Geraldo.

Dentro da rêde do vaqueiro, havia sómente um pedaço de moirão de baraúna, fingindo gente.

COMO EU MATEI A MAÇAROCA

O quartel do destacamento ficava nuns "quartos" da rua de Baixo, por traz da Camara Municipal. Era um casebre infecto e pequenino, tendo ao fundo um telheiro de zinco, que servia de cosinha ás "muié de soldado". Por todo mobiliario, uma mêsa "infalsa", dois tamborêtes de páu e, no chão, as portas da trazeira da habitação, arrancadas das dobradiças para servirem de camas. A um canto, uma rêde suja, com "varandas" de labiryntho.

Commandava a força, composta de cinco praças, dois anspeçadas e um cabo, o sargento Galrão, afamado pegador de criminosos no sertão do Assaré. Os

homens eram todos antigos romeiros do padre Cicero, ou cangaceiros de profissão, tendo cada um, no minimo, três mortes na "cacunda". Andavam pelas ruas de fardas desabotoadas e chapéos de palha de carnahuba, alpercatas e calças enroladas no joelho. Deixavam as Comblains encostadas aos cantos do quartel e os cinturões pintados de alvaiade, com os réfles, pendurados de prégos, nos portaes. E ostentavam no cós as facas afiadas, de "arrasto", que preferiam.

Tinham vindo alli parar, destacados da companhia volante do capitão Arraes, que, no Arneiroz, perseguia um bando de cangaceiros, ou melhor, fingia que os perseguia, pois eram protegidos da politica. Antes causava damnos aos adversarios do governo, na região, prendendo-lhes os famulos, invadindo-lhe as casas, sob o pretexto de apprehender armas destinadas a fomentar o banditismo.

Como houvesse necessidade de

amedrontar os eleitores daquella villa, para ella vieram o sargento e seus companheiros, escolhidos a dêdo entre os peores elementos da tal companhia volante. As cinco praças eram jagunços legitimos, de bentinhos ao pescoço e medalhinhas da Maria do Rosario no chapéo. O cabo chamava-se Luiz Poeirão e fôra, na capital, o maior e mais expedito surrador de jornalistas da opposição. Um dos anspeçadas era o João Lubino, cabra do nariz de "repolêgo", capaz de "tirar o coração pelas costas" a quem lhe cahisse no desagrado; o outro acodia por Xico Linheiro, fôra sequaz de um fazendeiro do Jardim, ladrão de cavallos, guarda urbano na Parahyba e viéra terminar a vida aventurosa nas fileiras dignas da policia estadoal.

Pertencia-lhe aquella rêde suja do canto do quartel e a mais gorda das três "muiés" que cosinhavam o feijão sob as têlhas de zinco. Sentado nella, emquanto esperava o "de comer", elle contava his-

torias. A propria rêde tinha uma, que era das melhores.

Certa vez, na villa do Coité, formaram-se dois partidos rivaes de cabras que trabalhavam nos sitios da vizinhança: os Bacuráus e os Caborés. Uns plantavam e colhiam bananas; os outros plantavam e colhiam café. Começou a inimizade em cantigas de desafio e terminou em pancadaria grossa, "de criar bicho". Quando os grupos adversos se encontravam no mercado, era um "Deus nos acuda", "fechava-se o tempo!" Chovia cacête de todos os lados, acabavam-se os negocios, o povo desertava dalli e seis, oito cabras sahiam de costellas moidas e cabeças arrebentadas. Então, o delegado mandou postar todos os dias de feira uma força, commandada pelo anspeçada Linheiro, á porta do mercado, com ordem de tomar as facas e "quirins" de quem alli quizesse entrar "prevenido". Assim, os sujeitos desarmados não brigariam tão facilmente como dantes.

Mas os brigadores imaginaram um ardil para illudir essa vigilancia. Dois dos Bacuráus apresentaram-se ao portão da feira, carregando numa rêde, estendida em longa vara que lhes pesava aos hombros, um vulto embrulhado em lençóes. Era uma velhinha doente, disseram, que ia comprar umas hervas para fazer "chá". A força deixou-os passar. No meio do mercado, arriaram a carga. Dentro da rêde vinham, bem arrumados, as canellas de veado, os jucás, as massarandubas, os pequiás e os corações de negro da sucia. E os Bacuráus, armados de repente, cahiram em cima dos Caborés sem armas, que foi uma lastima!

Os soldados, á custa de muita pranchada de sabre, restabelecêram a ordem e o anspeçada tomou para si a rêde de "varandas" de labiryntho. Ella lhe servio, tempos depois, para um "plano" de arromba.

Com o commandante do destacamento do Maranguape, o forriel Paulino

Pisca-Pisca, roubára uma noite um porco cevado, perto do Culuminjuba. Sangraramno logo, para que não gritasse e puzeram-no dentro da rêde, cujos punhos fôram amarrados numa vara. Cada um metteu o hombro debaixo duma das pontas e seguiram a passo largo, rumo da cidade, como se carregassem um defunto. De vez em quando, gritavam na noite escura:

— Cheguem, irmãos das almas!

Abria-se a porta duma choupana, surgia um matuto, esfregando os olhos, que perguntava:

— E' homem ou mulher?

Respondiam, sisudos:

— E' macho, sim senhor. E' o Zé Raymundo do Culuminjuba. Nós "é" os irmãos delle e vamos enterral-o no cemiterio do Maranguape, de manhãsinha.

— De que morreu? indagava o homem.

— Dum "ar do vento", Ave-Maria!

E o cabôclo substituia um delles e

aguentava o peso durante um quarto de legua. Apparecia na estrada outra casa adormecida. De novo, gritavam:

— Cheguem, irmãos das almas!

Repetia-se a mesma scena. Assim foi até o portão do cemiterio, onde os dois "irmãos" do "defunto" se despediram dos ultimos que o ajudaram, com mil agradecimentos. Era de madrugada, ficaram sosinhos e, ao clarinar dos gallos, que annunciavam o sol, recolheram ao quartel com o gordo capado.

Como a descarregar a consciencia de peccado tão leve, o Linheiro exclamava:

— Tambem havia mais de seis mezes que o diabo da collectoria não pagava o soldo da gente!

A historia da rêde era invariavelmente seguida da do seu feliz proprietario. Elle contava cada dia um ról de suas aventuras. Dessas uma ficou na memoria dos meninos da villa, que gostavam de ir vêr e escutar os policiaes, no quartel.

Diz o povo: "menino por goiaba e soldado é peor do que raposa por caxaça".

No tempo em que o Linheiro servira sob as ordens do tenente Monte e que os cangaceiros incendiaram a villa de Aurora, apparecêra uma onça maçaróca no sertão, que déra o que fazer aos criadores. Durante mezes, muitos a perseguiram por todos os meios, sem lograr matal-a, e ella, preando bódes, garrotes e poldros, déra na ribeira prejuizo superior a dez contos de réis. Os cantadores populares fizeram versos a seu respeito e sua fama correu mundo.

— Pois fui eu quem livrou a terra desse "fragelo"! affirmava o anspeçada e vou contar como eu matei a maçaróca.

Pigarreava, ageitava-se melhor na rêde e falava:

— O tenente Monte mandou-me levar da Aurora para Lavras o Luiz Jaibara, cangaceiro e ladrão de cavallos. Metteu-se elle num collete de couro, bem cosido do pescôço á cintura, porém o

malvado do carcereiro da villa molhou o couro. Sahimos de madrugada, elle na frente e eu atraz, com a Comblain atravessada no hombro. Quando o sol esquentou, o couro do collete começou a engilhar e a apertar o desgraçado, que acabou cahindo suffocado. Tive pena do Jaibara. Trazia, dependuradas do cinturão, para qualquer necessidade, umas algemas pesadas de ferro batido. Liguei-lhe os pulsos com ellas, cortei a costura com a faca e alliviei-o do collete. Continuamos nosso caminho. Por volta de dez horas, parámos á sombra dum pé de páu, para almoçar. Dei farinha e rapadura ao prêso. Depois, elle me pedio um cigarro. Metti-o entre seus beiços e o bandido, com voz de anjo, supplicou:

— Agora, anspeçada, accenda pelo amor de Deus!

Risquei um phosphoro e approximei-me descuidado. Na occasião em que estendia a mão para fazer-lhe o favôr, elle levantou os braços algemados para

o alto e descarregou-me os ferros no meio da cabeça. Cahi desfallecido.

Quando voltei a mim, devia ser bem meio-dia. A cabeça doia-me muito e, passando a mão pelo rosto, senti-o coberto de sangue coalhado. Olhei para todos os lados: nem signal do Jaibara! O safado puzera-se no brêdo. Apanhei a Comblain e dispuz-me a voltar para Aurora, com vergônha dos companheiros e mêdo do tenente Monte. Apanhava na certa "um mez, sendo quinze". Castigo medonho: quinze dias de xadrez e quinze de solitaria! Felizmente, escapei. Querem saber como?

Os que o escutavam approximavam-se mais, curiosamente, e elle proseguia:

— Passando os olhos pelo mato, avistei por cima das fôlhas, numa ponta de lapa dum serrote, um vulto mexendo. O sol estava forte e batia na minha cara. Não podia vêr muito bem. Mais devia ser, com toda a certeza, o Jaibara, querendo esconder-se. Ah! se fôsse elle, le-

vava o seu couro ao tenente, para espichar na grade da cadeia. Prêso fugido, soldado mata! Encostei a um galho o cano da Comblain, que é arma damnada "móde" estragar com a bala o corpo de qualquer um. Fiz a melhor pontaria que pude e o ronco sahio. A tal coisa cahio, movendo-se ainda. Atravessei a catinga cheia de unhas de gato, que acabaram com a minha farda de brim pardo, e subi pelas pedras. Quando cheguei lá "em riba", meninos, foi que vi o "estrupicio"! Não é mentira, não! Lá estava, morta, bem morta, a tal maçaróca "arrenegada". E o mais curioso é que, perto della, em cima da lapa, havia nódoas de sangue, uns ossos e as algemas de ferro. A bicha tinha comido o Jaibara, com tripas, cabellos e tudo!

No meio do profundo silencio dos circumstantes, elle findava:

— Está ahi como eu matei a maçaróca!